

# AUTORES & LIVROS

11/3/1942  
Ano II

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"  
publicado semanalmente, sob a direção de Múcio  
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Dol. 11  
Dúm. 7

## Notícia sobre Stefan Zweig

O DESAPARECIMENTO de Stefan Zweig, nas circunstâncias em que se deu, põe outra nota de melancolia na paisagem espiritual do mundo moderno. Esse escritor austríaco — um dos mais ilustres do nosso tempo — encerrava uma prodigiosa mesnagem de homem e de escritor, com o qual a história guardará, por seu significado humano,

história, historiador, romancista, psicólogo, biógrafo, ensaísta. Zweig mergulhou a fundo na alma do homem europeu de seu tempo e do passado. Reconstituiu — através de documentos repassados de um largo domínio de emoção — os "momentos decisivos" da civilização ocidental, surpreendendo-nos na plenitude de sua força e do seu colorido. Em outras obras, reconstruiu o itinerário de homens ilustres (estadistas, poetas, romancistas), demonstrando fina percepção dos seus motivos, das suas glórias, de suas humilhações e de suas grandezas. Em outros, Zweig traçou, livremente — no plano da ficção — histórias de almas e de corações que sua imaginação forjava. Deu-lhes, contudo, um sentido profundamente humano.

Quando a Áustria sucumbiu ao golpe de ferro da intuição, movida pelas ideologias da trégua e do ódio, Zweig saiu do país, tornando-se um exilado permanente. Depois de ter perseguido vários países do mundo, refugiou-se no Brasil. Aqui, estaria — como ele próprio confessou — a terra onde não existiam os problemas que embaraçavam o seu espírito.

Pois, nem aqui — onde todos encontravam liberdade e tranquilidade para reconstruir o mundo interior, destruído pelo cataclismo europeu — Zweig conseguiu extinguir os sofrimentos e as angústias que trouxe do velho mundo. Na carta que deixou, dando as razões de seu regresso, o grande escritor se refere carinhosamente ao Brasil,

pátria a que dedicara a derradeira de suas obras.

Stefan Zweig nasceu em Salzburgo, Áustria, em 1882. Fez os seus estudos de humanidades e os superiores em Viena, e durante o tempo em que os fazia, entregava-se ao seu esporte predileto, que era o de viajar. Percorreu, assim, quase todos os países da Europa, da Ásia, e grande parte dos da América.

Sensibilidade poética profunda e lírica, era ele, a esse tempo, um entusiasta cultor da poesia, que em seu espírito atingia a realizações simbólicas, lembrando os preclaros modelos dos seus mestres — os de um Verlaine, os de um Rimbaud, os de um Verhaeren. Quando explodiu a guerra de 1914, já Zweig era um escritor de fama universal. Foi então para a Suíça, onde viveu ao lado de Romain Rolland, encarnando os dois um vivo e ardente protesto contra as misérias da guerra e em favor dos espíritos.

Quando a guerra findou, Zweig retomou a grande criação de suas obras de arte, ofertando-nos então os seus admiráveis livros de biografia, de crítica, e sobretudo, de novelista incomparável. Foi então que os leitores de todas as pátrias tiveram ocasião de ler páginas comovidas e deleitosas, como o "Amok", as "24 horas da vida de uma mulher", "O medo", e também essas magníficas biografias de Maria Stuart, Maria Antonieta, Foucault, Erasmo, e tantas outras.

Quando a Alemanha anexou a Áustria, Zweig — que em sua qualidade de judeu, já vinha sendo ali perseguido, tal como acontecia a Freud e a tantos outros homens eminentes — naturalizou-se inglês.

Ultimamente, com o desenvolvimento vertiginoso a que vinha atingido a guerra, resolveu ele fixar residência, com a esposa, no Rio — único lugar no mundo, disse ele pro-

prio, onde ainda se pode ser livre, hoje em dia...

Na segunda-feira passada, 23 de fevereiro, Stefan Zweig, recalcando seus sofrimentos infinitos, e já sem paciência para aguardar os tempos novos, a nova aurora, que entretanto, vislumbrava num próximo futuro, procurou num copo de veneno, a extrema consolação que lhe era possível ter — a consolação da morte.

Com ele suicidou-se também sua esposa, que foi em vida sua companheira dedicada, sua secretária e sua colaboradora cheia de desvelos.

## Bibliografia de Stefan Zweig

E' a seguinte a bibliografia de Stefan Zweig:

"A visão do profeta";  
"Primeira experiência da vida" (quatro histórias de crianças);

"Amok" (coleção de cinco novelas, entre as quais se conta "A carta de uma desconhecida");

"Confissão dos Sentimentos";  
"Vinte e quatro horas da vida de uma mulher";  
"Os olhos do irmão eterno";  
"Angústia";

"Poesias completas";  
"Jeremias";  
"Tersites";  
"Volpene";

"Legenda de uma vida";  
"Três mestres" (Balzac, Dickens, Dostoiévski);

"A luta com o demônio" (Holderlin, Nietzsche, Kleist);  
"Três novelistas de sua própria vida" (Stendhal, Casanova, Tolstói);

"A fantástica existência de Mary Baker-Eddy";  
"Maria Antonieta";  
"Maria Stuart";  
"Joseph Fouché";

"Erasmo";  
"Fernão de Magalhães";  
"Américo Vesputio";  
"Mesmer";  
"Freud";

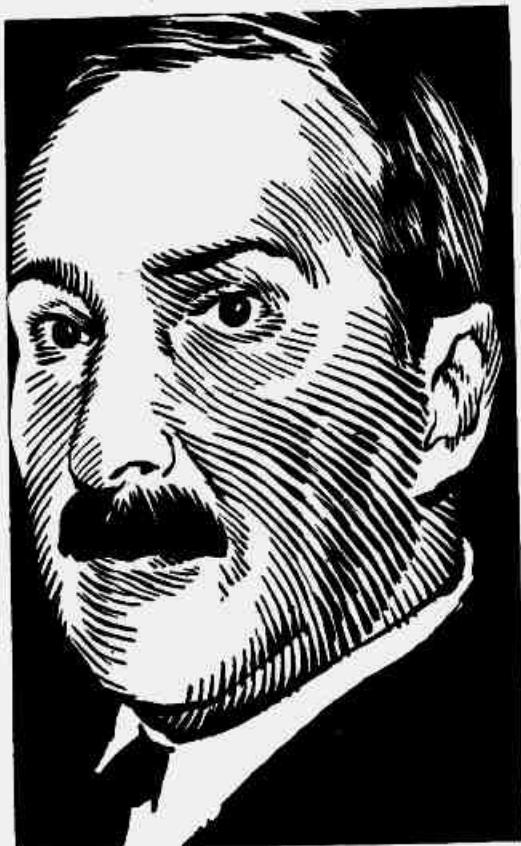
"Romain Rolland";  
"Momentos decisivos da Humanidade";  
"O caso de um coração";

"Segredos de amor";  
"Calídicópolis";  
"O Medo";  
"Leporela";

"Encontros com Homens, Livros e Países";  
"Brasil, país do futuro";

Biografias críticas de Verlaine, Verhaeren, Bandelaire, Albert Samain, Marcelina Delord-Valmore.

Stefan Zweig deixou inédita uma auto-biografia, além de um esboço de livro sobre Balzac e de outros estudos, a que se dedicava com o entusiasmo e o ardor que sempre manifestou em sua criação literária.



STEFAN ZWEIG

## SUMÁRIO

### PÁGINA 97:

- Notícia sobre Stefan Zweig.
- Aos leitores.
- Bibliografia de Stefan Zweig.
- Sumário.

### PÁGINAS 98 e 99:

- Homenagem a Stefan Zweig na Academia.

### PÁGINA 100:

- Em toda parte, estrangeiro... (Trecho de uma auto-biografia), de Stefan Zweig.

### PÁGINA 101:

- A portista (Marcelina Delord-Valmore) — de Stefan Zweig.

### PÁGINA 102:

- Stefan Zweig, dramaturgo.
- A Vocação do Profeta. — (Primeiro quadro).

### PÁGINA 103:

- Correspondência de escritores.
- Carta de Stefan Zweig a Inez Pöschner.

### PÁGINA 104:

- In memoriam de Stefan Zweig. Recordações pessoais de Ernesto Feder.
- Opiniões sobre Stefan Zweig. Opinião de Edmund Jaloux.
- Pequena novela de veras, de Stefan Zweig.

### PÁGINA 105:

- Os últimos documentos escritos por Stefan Zweig.
- Só a memória resta ao exilado... de Stefan Zweig.

### PÁGINAS 106 e 107:

- O problema torturante do Deus, de Stefan Zweig.

### PÁGINA 107:

- Stefan Zweig, na apreciação de Romain Rolland.

### PÁGINA 108:

- Encanto da noite, de Stefan Zweig.
- Mundos diversos, vidus diversos, de Stefan Zweig.

### PÁGINA 109:

- A última declaração de Stefan Zweig (fac-símile).
- Uma opinião de Victor Viano. O poder da arte.

### PÁGINA 110:

- As mãos do jogador, de Stefan Zweig.
- A técnica da psicoanálise, de Stefan Zweig.

### PÁGINA 111:

- Efemérides da Academia.
- A vida é de cabeça baixa, de Alvaro Morcya.

### PÁGINA 112:

- A técnica da psicoanálise — (continuação da página anterior).
- Galeria de nomes ilustres.

## AOS LEITORES

As conveniências do momento não determinaram-nos a publicar um domingo de cada vez para o nosso suplemento panamericano. Assim, no domingo passado, já os leitores tiveram a ler, em lugar de AUTORES E LIVROS, PENSAMENTO DA AMÉRICA, o suplemento que, com tanto brilho dirige o nosso ilustre companheiro Ribeiro Couto.

PENSAMENTO DA AMÉRICA constituirá, como AUTORES E LIVROS, uma publicação continuada. A publicação de suas páginas será seguida, por seis meses ou um ano, dependendo ao fim de cada período desses um índice geral.

Abrangendo número considerável de estudos, ensaios,

contos, poemas, artigos de doutrinação política ou sociológica, tudo prendendo-se à cultura e à civilização americana. PENSAMENTO DA AMÉRICA, estamos certos, se encontra destinado ao maior êxito entre os nossos leitores.

Quanto a AUTORES E LIVROS passará a aparecer três vezes cada mês, com o mesmo programa e a mesma finalidade que tem tido até hoje.

As numerosíssimas pessoas que nos têm enviado cartas, solicitando exemplares atrelados desta publicação, pedimos desculpas de tão poderemos atender aos seus pedidos, em vista de se encontrarem esgotados quase todos os fascículos que formam o primeiro volume de AUTORES E LIVROS.

# HOMENAGEM A STEFAN

Sessão pública de 25 de agosto de 1936

I

## PALAVRAS DO PRESIDENTE, LAUDELINO FREIRE

A Stefan Zweig consagra a Academia Brasileira esta sessão especial.

Nela, de certo, sentirá o escritor austríaco o quanto é admirado pelos acadêmicos brasileiros, todos aqui reunidos em homenagem ao fulgor do seu extraordinário espírito.

Dagui a momentos estarela a ouvir-lhe a palavra, e não vos despercebeis que lides ouvir a um desses homens diante dos quais, nos países cultos, todos com admiração se descobrem a sua passagem.

Tornou-se grande em sua pátria; ainda maior no seu continente, para, pela eminência das suas letras e maravilha da sua pena, fazer-se monumento e luz da literatura universal.

Ao prodigioso escritor, em nosso nome, saudará o sr. Mucio Leão, a quem dou a palavra.

II

## DISCURSO DE MUCIO LEÃO

Sr. Stefan Zweig.

Aquela vossa grande sede de viajar, de ver sempre terras novas, de estar sempre em contacto com a alma de novas gentes, aquela grande sede vos trouxe agora ao continente sul-americano.

Esse desejo de percorrer o mundo, e de sentir de perto a alma de todos os povos, tem sido uma das características de vosso gênio. E' o elemento primordial, talvez, de vossa arte. Viajante sem fadiga, não vos arrebatam as distâncias nem as idades. Vossos olhos penetram, fugitando de uma oandia confiante, tanto nos mistérios das cidades civilizadas, quanto nos mistérios das selvas, onde somente as feras habitam. Sondam as comédias que se desenrolam nos arranha-céus das modernas Babilônias e os dramas que se desenrolam nas solidões inóspitas do tropico, onde o vosso Amok viveu e sofreu. Vossos olhos penetram os devãos obscuros dos tempos. Contemplam o que ocorre hoje ao vosso lado, o que ocorreu ontem, o que ocorreu numa hora que foi cheia de prodígios, quando Erasmo criou o Humanismo, quando Lutero traçou um novo rumo aos destinos do homem, com o maravilhoso surto espiritual da Reforma.

Realmente, e gosto pelas vi-

gens tem sido a vossa paixão mais constante. Criança e adolescente, deixáveis o jar, para ir, ora sozinho, ora em companhia de vosso pai, contemplar as paisagens variadas do mundo. E quanta coisa sugestiva achastes! A Provença e a Espanha vos sorriram. Os Estados Unidos, Cuba, o México vos acolheram. A Índia, o Ceilão, a China, o Egito deram satisfação às vossas imensas curiosidades. Países exóticos, terras cheias de segredos, regiões propícias às lendas, cidades opulentas e sertões desérticos, tudo isso, um dia, viu passar e viajar tranquilo. Tudo isso viu um dia passar aquele que sempre levava no coração um grande desejo de simpatia para as coisas.

E, nessas viagens, quanta vez encontrastes seres que tinham a alma semelhante à vossa, um pensamento, uma sensibilidade, capazes de vibrarem em uníssono convosco! Em Florença encontrastes Ellen Key, e da amizade que a ela vos uniu existe deprimto expressivo, na comovida dedicatória de um dos vossos livros. Em Paris, onde vivestes durante um ano, tivestes a amizade de Jules Romain, de Valdira, de Duhamel. Em uma de vossas viagens, — esta vez, então, na Bélgica, aonde tinheis ido em visita ao vosso grande amigo Verhaeren — uma notícia dolorosa vos surpreendeu. Era a mais absurda das notícias que poderiam cair sobre o vosso espírito de cidadão de todas as pátrias: havia rompido a guerra europeia!

Vosso país precisava de todos os braços válidos. E eis que vos, sr. Stefan Zweig, vos, que amais conscientemente a paz, vos, que a amais sobre todas as coisas, tivestes que ser mobilizado. Durante três anos, estivestes sob as armas. O destino vosso amigo, teve uma gentileza extrema: permitiu que não chgrasseis a humilhação máxima de ir para os campos de batalha. Enfim, obtivestes uma licença de dois meses. Partistes para a Suíça. Ali chegando, encontrastes Romain Rolland, o herói solitário, o maior, porventura, de todos os heróis da calamidade de 1914, o homem que — ilha da razão, perdida num oceano de loucos — clamava incessantemente pelos direitos da Humanidade, protestava sem descanço contra a monstruosa, truidadora ambição dos governantes dos povos. Juntamente com Romain Rolland e alguns outros escritores refugiados na Suíça, formastes aquele grupo de homens livres, que soberam defendeu contra a guerra a unidade espiritual da Europa. "Ali nos achavamos — dizem vossas

próprias palavras — uns quantos escritores europeus, acentados à mesma mesa, enquanto perto de nós cento e vinte milhões de homens fazem a guerra uns aos outros".

Fostes um dos incansáveis defensores da comunidade intelectual da Europa e da grande amizade do espírito, que desdenha fronteiras.

Esse momento heroico de vossa vida de homem livre no espírito bastaria para induzir uma das peculiaridades muitas do vosso gênio: a sua universalidade.

Sois um cidadão do Universo.

Sr. Stefan Zweig, Breis ainda adolescente, e já traduzistes para o vosso idioma os poemas de Verlaine, os de Baudelaire, os de Samain, os de Marceline Desbordes-Valmore. Já então vulgarizastes em notas e traduções a obra fantástica de Emilio Verhaeren.

A esse tempo leis, criando, também, a vossa obra de poeta, de dramaturgo, de novelista, de crítico e de biógrafo.

Como crítico, como biógrafo, tendes ido a todos os países. A gélida Rússia vos surpreendeu ao lado dos seus dois gigantes magníficos, Tolstói e Dostoiévski. A fleumática Inglaterra vos encontrou caminhando em companhia de Dickens. A Alemanha, cheia de nebulosas atormentações filosóficas, vos viu de braço com Frederic Nietzsche e com Kleist. A Itália, terra de sedução e de volúpia, vos acompanhou no giro com o enigmático Casanova. A Holanda vos teve sentado à mesa de Erasmo. A França vos teve sentado à mesa de Stendhal.

Curiosidade jamais satisfeita, a vossa! E curiosidade de homem paciente, de homem sábio, de homem que não sai algraz do mundo apenas para observar as paisagens, nem para contemplar somente as multidões inexpressivas.

Sois, ao contrário, um incansável frequentador de bibliotecas e de arquivos. E a vossa urgência, tanta vez exercitada nas visitas que fazéis aos arquivos e às bibliotecas, deve hoje a cultura europeia o conhecimento de documentos preciosos. Com o auxílio que esses documentos vos tem prestado, traçastes muitas biografias admiráveis. Em algumas delas chegais a reformar totalmente a ideia que tínhamos de certos fatos e de certas coisas. Não raro — como, por exemplo, no estudo sobre Mesmer — processais a verdadeiras revisões no quadro da história oficial.

A vossa curiosidade, porém, não seria muito, se não a fidesseis acompanhar de outros

sons espirituais, ainda mais úteis.

Creio que esse dons são, principalmente, três: em primeiro lugar, o amor pelas individualidades misteriosas, o prazer de lutar com as esfinges e lhas decifrar os segredos; em segundo lugar, o entusiasmo pelas grandes naturezas, dispostas ao impeto e à ação; e, em terceiro lugar, a infinita misericórdia para todos aqueles que o destino feriu com injustiça.

Minha capacidade de análise dos espíritos é reduzida, sr. Stefan Zweig. Mas, tanto quanto posso enxergar, acredito ter indicado os elementos principais do vosso espírito. Ainda existe a acrescentar a essas várias faculdades aquele grande sentido da poesia, que revelais em tudo o que escreveis. Mas talvez não fosse necessário falar claramente em vossa poesia. Não será, de si mesmo, poesia o amor do mistério nas almas? Não será de si mesmo, poesia o poder do entusiasmo? Não será, de si mesmo, poesia o sentimento de misericórdia para os fracos, para os oprimidos e para os vencidos? Poeta no sentido poético — eis como vos chamam Romain Rolland. E o erador magistral de Jean Christoph encontrou uma fórmula perfeita para definir a vossa individualidade literária. Diz Romain Rolland que vos sois aquele para "quem a vida é a substância da arte".

Vossa obra de novelista reflete a misericórdia imensa para os oprimidos, os fracos, os incompreendidos, os sofrendores de toda a espécie. Os dois extremos da vida merecem a vossa compaixão. Amais as crianças, e, amando-as, procurais compreendê-las. O vosso amigo Freud desvendou aos vossos olhos aqueles mundos tormentosos, que são as almas dos meninos. Sentis como ninguém os dramas que devastam essas almas. E no-las mostrais, em toda a sua impetuosidade e em todo o seu ardor. E' convosco que nos aprendemos a conhecer o pequeno Edgard. Tem apenas 12 anos, mas já sente um clume de Otelo no seu pequeno coração. A noite, no jardim iluminado do hotel, ele segue o vulto de sua mãe e o vulto do barão, que a corteja. E aproveita a curiosidade do corredor para agredir a socos aqueles que ameaçam arrebatá-lo um afeto sacrosanto. E' convosco que aprendemos a conhecer Hob, o rapazinho vago e esfumado que no silêncio propício do parque do castelo, vai, cada noite, amar a ignorada menina dos seus sonhos.

Estimais, igualmente, os ve-

lhos. Pelo menos, tendes para eles a mesma misericórdia que tendes para as crianças. Inspirado pela agonia dolorosa de um velho, escrevestes aquela página banhada de tanta piedade — *A Destruição de um Coração*.

Se a infância, se a senectude vos despertam tais sentimentos, também vos despertam caridade e simpatia todas as demais misérias humanas. Em 24 horas da vida de uma mulher fazes o estudo de um homem que se deixara dominar até o extremo pela abominável paixão ao jogo. Em *Confusão dos Sentimentos*, fixais um desvio psicológico muito importante.

E que dizer desses tipos que traçais, às vezes com a pena tão leve que mal parece quevisechoá-los, e que entretanto ficaramos eternos, na memória de todos os que uma vez os viram em vossos livros?

Ali, está Cresseneta Fintoni-huber, a desgraçada Leporela, a pobre criada do jovem barão de P. Dedicada até o assassinato e ao suicídio, ela é tão como um demônio. Em tudo é misteriosa, incompreendida, obscura.

Adiante, aparecem os desventurados Herbert, o velhinho cego. Grande colecionador de raridades, ele acumulara, durante os longos dias de sua vida, um tesouro. Veio, porém, a crise da inflação alemã. E premida pelas necessidades de dinheiro, a família do velho, lentamente se fora desfazendo de toda aquela fortuna, reunida em tantas dificuldades. Agora, ignorando a sua desventura de espoliado, ele tomava, entre os trêmulos dedos, pedacinhos de papéis sem nenhum valor, e imaginava acariciar gravuras divinas de Durer e Rembrandt.

Mais longe, surge-nos a figura patética de Jacob Mendel. Era um maravilhoso conhecedor de assuntos de bibliografia. Era, como dizeis, "um fenómeno único de memória, um dicionário, um catálogo universal sobre duas pernas". Esse pobre diabo viu-se perseguido, durante a guerra, porque, preocupado unicamente com a sua mania dos livros, ignorava que a Austria estivesse em luta com a Itália, terra e com a Rússia. De uma feita ousou declarar às autoridades austríacas a sua qualidade de cidadão russo. E, agora, imaginou, sequer, que devia suspender a sua correspondência com os bibliófilos ingleses e franceses.

Mais adiante, identifiçamos aquela curiosa figura do barão de carteiros. Ao lado dele, solidarizado com a sua arte perigosa, passantes toda um dia



Em 25 de agosto de 1936, Stefan Zweig foi recebido na Academia Brasileira de Letras, numa das tardes mais memoráveis da instituição. O clichê acima nos apresenta o escritor austríaco, sentado à direita de Lauvelino Freire e à esquerda do sr. Otávio Mangabeira, que eram presidente e secretário geral da casa. Completam a mesa os srs. Alvaro de Almeida e A. Austregésio, que estão sentados ao lado de Lauvelino Freire. Também aparecem na fotografia, sentados à mesa, dois representantes diplomáticos da Austria no Brasil. Stefan Zweig ouve atentamente a saudação que lhe é dirigida, em nome da Academia, pelo acadêmico designado para essa tarefa.



# ZWEIG, NA ACADEMIA

de Paris... para, no fim, quase sem a vítima dos agêis dedos do hotel.

E finalmente — imagem entre todas humana e dolorosa em essa galeria — encontrámo-nos aquele miserável da Rússia no luar. Tão miserável e ele que nem lhe deste nome... Talvez para melhor significar que ele é somente isso — um homem. Lembrai-vos bem dessa pequena obra-prima? O acaso vos levou a um porto francês de segunda ordem, e lá, talvez perdido o trem que vos ia conduzir à Alemanha. Como vos aproximastes a atmosfera tépida do hotel, saístes a perambular pela cidade. Entrastes em uma rua, enfiastes por outra, querendo fugir ao turbilhão dos barcos populosos. Deveis estar perto do porto, no quarteirão dos marítimos. Chegastes à frente de uma casa, cujas paredes estavam cobertas de inscrições e anúncios. Uma voz de mulher soava lá dentro, cantando, em alemão, uma aria do Freischütz. Atraiado pela voz, eis entrar na casa, quando aos vossos olhos surgiu, viva, alguma coisa da sombra. Era um homem, era a forma de um homem. Entrastes no cabaré, tentastes uma das mesas, encontrastes uma cerveja. Ieis começar a beber, quando a gargalhada explodiu nos lábios da mulher que havia cantado. Percebestes que essa gargalhada se dirigia a alguém que acabava de entrar. E a voz da mulher falou asperamente:

"E tu, ainda? Ainda te arrastas em torno da casa, refofo gatinho? Vamos! Podemos entrar! Eu não fazei farei contra ti."

Com o olhar cheio de humildade, o homem parou. Roucou o chapéu na mão, sem saber o que dissesse. A mulher ordenou-lhe que se sentasse a uma das mesas e tomasse "champagne". Foi então que, pela primeira vez, pudestes observá-lo à claridade da lanterna. Era um rosto jovem, emaciado e pálido, com uns cabelos ruivos num cinza esverdeado — "era uma coisa de homem". Enquanto bebíeis a vossa cerveja, assistíeis a umas humilhações impiedosas à virilidade da mulher das largueiras. Então, cansado de ver tanta torpeza, saístes para o ar livre. A pretexto de indicá-los o caminho do hotel, o homem humilhado saiu convosco. E agora, na solidão da noite, eis vos fazer a confidência de sua vida dolorosa:

"Aquela mulher... com efeito é aquela mulher... Há cinco anos... há quatro anos... em Graz, onde tenho minha família... Não quero, meu senhor, que pense mal dela... a culpa é minha se ela está como está... nem sempre ela foi assim... eu a atormentei... a que, embora fosse tão pobre... ela não tinha nem roupa branca... absolutamente nada... e eu sou rico... isto é, tenho para viver... não riqueza propriamente... pelo menos tive outrora... Eu era talvez... eu tem razão... econômico... mas era antigamente, meu senhor, antes da desgraça... e eu maldigo a minha economia... Mas meu pai era assim e minha mãe... todos eram assim... e cada vez me custou um esforço duro... Quando a ela era levejana, e, embora pobre, gostava das coisas bonitas... Eu sempre a censurava por isso... Não devia ter feito, agora o sei, meu senhor, porque ela é orgulhosa, tem a orgulhosa... É preciso não crer que ela seja aquilo por que se faz par... é mentira, e ela não faz tanto mal a si mesma... simplesmente... simplesmente para me fazer mal, para me torturar... e... porque... porque tem vergonha... Talvez não tenha tornado má... mas eu não creio... Porque, meu senhor, ela era boa, muito boa... E o vosso desventurado companheiro de acaso vos narra a

história de uma desdita sem fim. Vivia com a esposa — ela sempre gostando das coisas bonitas, ele sempre preocupado com as suas economias. Certo dia, cansada de tanta miserável poupança de vintenn, ela fugiu de casa, deixando um simples bilhete: — "Guarda o teu maldito dinheiro. Eu não mais quero de ti". Então, ele se pôs a procurar, através do mundo, a mulher fugitiva. Um dia foi sabê-la na Argentina, vivendo num prostíbulo. Pô-la regressar à Alemanha. Reiniciou com ela a aventura da vida. Mas a miséria dele continuava a mesma! A mulher viu que não era possível corrigi-lo, e outra vez o abandonou, voltando aos cabarés dos marítimos, ao leito imundo dos amores de todos os homens. E eis que o infeliz vos aperta o braço com desespero, falando-vos assim:

"E agora eu não irei daqui sem ela... Depois de longos meses a encontrei... Ela me martiriza, mas eu não a deixarei... Eu lhe imploro, meu senhor, fale com ela... É preciso que ela volte a ser minha... diga-lhe isso... A mim ela não quer escutar... Su não posso mais viver assim... Não posso mais ver os homens que vão procura-la... e esperar lá fora que eles saiam... bebêdos e cantando canções alegres... Toda a rua já me conhece... Riem de mim quando me veem esperando... Eu fico louco com isso... Entretanto cada noite volto lá... Meu senhor, eu lhe peço pelo amor de Deus: fale com ela... Embora eu não o conheça, pegue-lhe pelo amor de Deus, fale com ela..."

Eis aí uma bem triste personificação da infinita miséria do amor.

Sim: são amargos, são dolorosos os vossos tipos. E às vezes cada um deles assume aos vossos olhos a significação trágica de um símbolo.

Essa é a humanidade, convulsa e sofredora, dos vossos romances, dos vossos contos. Essa é a humanidade que povoou o mundo tragicamente complexo de vossa fantasia.

A humanidade que ideo buscar na História Universal não é menos convulsa, nem menos sofredora. As duas mulheres que mereceram as mais carinhosas das vossas pesquisas, Maria Antonieta e Maria Stuart, são assinaladas pela crueldade da sorte. Belas e amadas, ambas sorriam por um momento, ambas por um momento hauriram da vida a taça dos incomparáveis prazeres. E eis que a fatalidade pesou sobre elas sem misericórdia! Tiveram ambas que entregar ao carasso o peçoço que um dia haviam adornado colares de pedras preciosas, o peçoço que outrora os amantes haviam enlaçado com os braços febris. Uma delas, a rainha da França, saiu das esplendores da Viena e de Versalhes para a guilhotina. Na morte somente foram suas companheiras a pobreza, o abandono, uma atroz miséria, que encheria de horror a mais desventurada das mendigas. A outra, a amorosa e encantadora Maria Stuart, a inflamada rainha da Escócia, teve a cabeça, que outrora os poetas haviam cantado com tanto deslumbramento, trucidada pelo gume de um machado.

O destino de Joseph Fouché é, da mesma forma, contraditório; pelo menos, é também um destino muito singular. Na vida desse ministro de Bonaparte há lampejos de extrema desventura e glória extrema. Ele viu da mais alta prosperidade à miséria mais triste. Essa variação de aspectos é o que vos atrai na existência do homem entre todos fleugmáticos que sobre vencer Robespierre, do homem entre todos astutos que sobre vencer Tallierand, do homem en-

tre todos misterioso que soube vencer (glória incomparável!) o próprio Napoleão.

Uma de vossas melhores páginas, sr. Stefan Zweig, é aquela em que pondeis um diante do outro os dois homens: o Imperador e o seu Ministro da Polícia. "Durante dez anos esses dois personagens, Napoleão e Fouché, vão encontrar-se de frente um do outro, na cena (ou antes, nos bastidores) da História Universal, ligados faticamente pelo destino um ao outro apesar de uma clarividente oposição recíproca. Napoleão não gosta de Fouché; Fouché não gosta de Napoleão; chefes de uma antipatia secreta, eles se auxiliam, um ao outro, unidos somente pela atração dos polos contrários. Fouché conhece exatamente o caráter demoníaco, grandioso e perigoso de Napoleão; sabe que serão necessárias dezenas de anos, antes que a natureza produza outro gênio tão grande, tão digno de ser servido. De seu lado, Napoleão sabe que nunca será melhor compreendido do que por este olho de espiação, positivo, claro, com reflexos límpidos, do que por este laborioso talento político, que se pode empregar em tudo, nas melhores como nas piores tarefas, ao qual só falta, para ser perfeito servidor, o absoluto da amizade — a fidelidade."

Traçais, assim, a linha de contacto desses dois temperamentos e dessas duas almas. E as observações que fazes, nesse paralelo, provam a vossa argúcia, na análise política. Vossa obra é abundante em idénticos paralelos. E, aqui, a comparação de Fouché com Robespierre. E, ali, a comparação outra vez de Fouché com Tallierand. E, depois, a comparação de Maria Antonieta com Madame de Barry, a de Luís XV, rei de França, com Maria Teresa, imperatriz da Áustria. E, enfim, a comparação entre todas as grandes — a comparação da ardente Maria Stuart com aquele aspero virago que foi Elizabeth da Inglaterra. Essa arte de contrariar as afinidades e as oposições nos temperamentos históricos serve para melhor fixar aos vossos olhos certos ângulos das fisionomias que contemplamos.

Não são somente as grandes figuras da ação, os vultos que se movem no primeiro plano da existência dos povos, que merecem as vossas atenções de biógrafo. Vosso olhar se compenetrava em descobrir os segredos de todas as almas. Vosso gênio, que se deixa seduzir pelas perspectivas das grandes paisagens históricas, que gosta de movimentar as largas massas revoltantes, a evocação das existências que decorreram modestas, dedicadas somente ao estudo e à meditação. Vossos estudos de crítica constituem retratos definitivos. Sabeis longamente amar os espíritos, quando eles são numerosos, difíceis, densos ou complexos. Sabeis penetrá-los lucidamente, quando eles se chamam Dostoiévski e Nietzsche, Tolstói, Balzac e Freud, Erasmo, Stendhal, Casanova e Holderlin, Dickens e Mesmer. Que maravilha se excusar a através da inteligência humana representaria uma análise feita em vossa obra de crítico? Sentamos fazer essa excursão, acariariamos por decifrar muitos mistérios que nos atormentam.

Vede Dostoiévski. E o homem que, segundo dizels, "maior número de terras desconhecidas descobriu nas almas". E o homem para quem "o incomensurável e o infinito entre todos necessários como a própria terra". Como no-lo tornais compreensível, no definídes o seu ambiente de mistério, de nebulosidade, de atormentação! Como o tornais acessível ao nosso entendimento, quando o



Stefan Zweig, numa fotografia tirada em Salvador, em 19 de janeiro de 1941, por ocasião de sua visita à Baía

fixais na sua angústia torturadora de epilético, adorando o demônio que vive no seu próprio ser! Como o revelais todo, quando demonstrais que ele está "alem da literatura"! E como fazes viver a sua arte prodigiosa, ao resumi-la nestas poucas linhas: "Eis a complicação das relações amorosas na obra de Dostoiévski. Haverá comparação possível dos seus livros com os livros em que chegamos à última página quando os heróis se amam e se encontram, através das vicissitudes da vida? As tragédias de Dostoiévski começam por onde as outras acabam. Para o seu espírito, o amor, a doce reconciliação dos sexos, não representa nem o sentido, nem o triunfo da vida. Ele reata a tradição da Antiguidade, para a qual o sentido e a grandezza de um destino não se limitavam à conquista de uma mulher, mas a lutar contra o mundo e os deuses. O homem se eleva, não para erguer o olhar para uma mulher, porém para ir, de cabeça levantada, para o seu Deus. A tragédia de Dostoiévski excede à tragédia dos sexos, a do homem e a da mulher."

Vede Erasmo. E o ser essencialmente sem compromissos, o ser que não admite transigências com partidos religiosos nem político, e que jamais abdicou da independência do seu espírito. Erasmo assistirá aos mais fulgurantes dramas da alma humana. Mas, entre todas as perturbações e todos os sofrimentos universais, terá a preocupação de realizar uma coisa: guardar, intacta, a sua liberdade íntima.

Vede Mesmer. E o renovador do mundo complicado da psicologia. Seu gênio é arguto, e penetra nos terrenos virgens do espírito. Vai longe. Vai até as regiões mais recônditas, vedadas ao olhar de todos os outros homens. Diríamos um felicitoso, a preparar, nas retortas misteriosas, uma alquímia potentíssima. Mesmer, porém, é negado, combatido, espezinhado pela ciência oficial. Sua veiculação envolve-se na mansa doçura apaziguadora de um belo final de dia.

Vede Stendhal. E a personalidade fascinante entre todas. Plagiário, frascário, cinco, ele se deleita na mentira e na simulação. Seu prazer consiste em contar anedotas apimentadas às damas austeras. Stendhal é, sem embargo disso — ou talvez por causa disso —

mais inteligente dos homens do seu século. Aquele que mandou gravar no próprio túmulo as seis palavras de uma derradeira mistificação: — "Arr-go Bayle, Milanese, visse, scrisse, amô" — tem hoje o seu nome valioso quase como um símbolo. E o sinónimo de tudo o que seja delicado, sutil, sedutor, na alma dos homens.

Vede, enfim, Tolstói. E a alma por excelência fecunda, o guia, o criador. E' justo, é bom, é perfeito. Gorki lhe chamou: — "um homem-humanidade". Na mocidade declarou: considerar-se a mais feliz das criaturas que viviam na terra. O destino cumulou-o de prendas das belas e de dons preciosos. E, entretanto, um dia há de abandonar tudo — a família, o amor, as felicidades, as riquezas, a glória, o próprio nome — e ir para muito longe, ansioso e solitário, procurar Deus!

E quantos outros quadros maravilhosos teríamos que contemplar, nessa viagem através da vossa obra! Detenhamo-nos, porém, por aqui. O mundo é largo, a humanidade é numerosa. E vossa obra abrange o mundo e resume a humanidade.

Em um dos vossos livros mais característicos, sr. Stefan Zweig, naquele em que estudais a vida de Erasmo, encontrámo uma palavra que quero aqui repetir. "Compreender, compreender cada vez mais, eis a verdadeira felicidade desse notável gênio". Assim dizels. E eu estava certo de que essa observação se aplica tanto a Erasmo quanto ao biógrafo de Erasmo.

Queréis compreender, compreender cada vez mais. Essa ansia é que vos tem levado a todos os povos, a todas as regiões, a todas as idades, como se fosseis contemporâneos de cada homem que existiu na terra.

Essa ambição de todo compreender é o sentimento que agora vos conduz à América do Sul. E' ela que — talvez com uma alarmada surpresa para vos, espírito anti-acadêmico — vos traz, neste momento, até ao salão de recepções da Academia Brasileira de Letras.

Aqueles que se teem aproximado de vos, nestes breves dias do Rio, dão o testemunho da curiosidade com que a vossa imaginação se detem em certas coisas brasileiras. Seduzem-vos, no Brasil, as imensas distâncias, os rios vastos, as florestas colossais. Vossa fantasia está al-

(Continua na página seguinte)





O escritor, num banquete que lhe foi oferecido em São Paulo, em setembro de 1940

# STEFAN ZWEIG,

## (PRIMEIRO QUADRO)

Chama-me, e eu te responderei, e te mostrarei coisas grandes e poderosas, que tu ignoras.

Jer. XXX, 3

Teto em terraço da casa de Jeremias — um quadrado de pedra branca que brilha na luz baça da lua. Ao fundo, Jerusalém com as suas torres, suas vigias, seu silêncio de sono. Nada de vento em redor, só o vento da aurora que nasce passa e repassa susurrando no silêncio.

De súbito, passos ruidosos, apressados, sobem pela escada. Jeremias, com a roupa em desalinho, peito aberto, ofegando como se uma mão o quisesse estrangular, salta no terraço.

Jeremias: — As portas... levantas ferrolhos... à muralha, à muralha!... Hó! as pobres sentinelas... eles veem... estão lá... Fogo sobre nós... fogo no Templo... Socorro... socorro!... O muro tomba, o muro...

Jeremias se lança até a beira do teto e se deitam de súbito. Seu grido ressoa claro no silêncio branco. Retrai-se de pavor, deserta. Seu olhar explora a cidade como o olhar de um homem ébrio. Os braços distendidos pelo terror deixam cair lentamente e passa a mão fatigada sobre as palmeiras abertas.

Fantasma, loucura, sonho, o terrível sonho! Oh! Os sonhos! Como a casa está cheia deles!

(Aguarda o silêncio, cada vez mais febrilmente).

Há paz na cidade e há paz nos campos; só eu estou em fogo, só meu peito queima! Que ventura sobre a cidade, que repouso no braço de Deus! O sono, a adormecida de sob o pólo do espaço tranquilo, um orvalho de luar pousa em cada casa; na frente de cada uma paira, leve, uma sonolência. Somente eu, todas as noites, tenho o brasero dentro de mim, o fogo de horror devora a noite de minhas nádebras. Oh! O martírio desta visão, ser o alvo destas visões enganosas, que tomam consistência no sangue, e se apacem e fundem ao romper da lua!

(Aguarda o silêncio, cada vez mais febrilmente).

Oh! O silêncio, sempre o silêncio, e dentro o tumulto de uma noite que se agita. São garras de fogo que me apertam e eu não posso apanhá-las; as visões me flagelam e eu não sei quem me tortura; no ar vão vão perder-se meus gritos. Fugir? para onde fugir? Deixar-me, caçador, ou prender-me? Chama-me de dia claro, não em sonho, fala-me com palavras e não me consuma com imagens — sai do teu vão, tu que me tens cativo; dá-me o sentido desta tortura, dá-me o sentido!

Uma voz:

(Voz que chama do fundo da sombra, docemente. Parece provir das profundezas ou de muito alto, cheia de mistério do seu afastamento).

— Jeremias!

Jeremias:

(Cambaleando, como atingido por uma pedrada)

— Que é?... Meu nome... não é um nome... ele vem das estrelas ou do fundo do meu sonho?...

(Escuta o lado de fora; tudo de novo se cala).

Jeremias: — És tu, o Invisível, que me expulsa e me atormentas... sou eu mesmo, e o rumor do meu sangue?... Fala ainda, para que eu te reconheça, o voz... chama-me ainda, ainda uma vez, fala...

A voz:

(Como se aproximando).

— Jeremias!

Jeremias: — Sou eu, Senhor! Teu servidor te escuta!

(Aplica o ouvido retendo a respiração. Nada se move em torno. Tremendo de pânico).

— Fala, Senhor, a teu servo! Tu gritas meu nome, dá-me também tua mensagem, afim de que a receba em meu espírito.

(Dispõe-se de novo para escutar. Profundo silêncio).

Jeremias: — É presumir muito ter sede de ti? Eu não sou instruído, sou o rumor dos teus servos, um grão de poeira de teu solo, mas a ti somente cabe escolher! Porque tu escolhes um rei entre pastores e muitas vezes desceiras a boca de uma creança para inflamá-la com tua palavra, — tu escolhes segundo outros sinais. E, quem tocas, Senhor, esse é o recolhido: quem escolhes, Senhor, esse é o chamado. Se já teu grido me veio a mim, vê, eu não te fujo. Lança-te sobre a tua presa, Senhor, como uma matilha sobre a caça, ou impele-me mais e mais longe para o destino. Mas, ao menos, faze-me saber, afim de que não venha a te faltar: abre-me os céus de tua palavra afim de que o teu servo te contemple!

A voz:

(Mais próxima e mais insistente).

— Jeremias!

Jeremias:

(Inflamando-se).

— Escuto, Senhor, escuto! De toda minha alma ouço a tua voz! Abriam-se as fontes de meu sangue e jorram; todas as fibras de meu corpo se distendem para te alcançar; abro-me, vaso indigno, à tua revelação. Fala-me a tua palavra, ordena-me as tuas ordens; pertence-te na minha carne e no secreto de minha alma! Quero tornar-me o teu querer e absorver-me na tua ordem. Por ti quero abandonar os que amo e ficar estranho a meus amigos, quero abandonar a docura da mulher e a morada de meus semelhantes, quero viver em ti unicamente e andar por teus caminhos. Não quero escutar nenhum apelo, eu, cuja alma ouviu o teu, e quero tornar-me surdo às palavras dos homens. Devoto-me a ti só, Senhor, a ti só porque minha alma tem sede do teu serviço — estou aberto à tua palavra e esperando os teus sinais!

A voz da mãe:

(Muito próxima agora e reconhecível).

— Jeremias!

Jeremias:

(Em êxtase).

— Cal sobre mim, Senhor! meu coração já estala pelo terror da tua aproximação! Descarrega-te, tempestade bendita; escava-me para que eu receba a tua semente, fertilize minha terra e fecunde meus lábios; imprime em meu ser o fogo da tua servidão! Lança teu jugo sobre mim; vê: minha nuca já se curva; pertence-te, perten-

ço-te para todo o sempre. Ao menos reconhece-me como eu te reconheço; ao menos deixa-me entrever teu esplendor, como tu percebeste minha sombra e minha baixura, ao menos mostra-me o caminho de teu querer; mostra-o Senhor, mostra-o a teu servidor eterno.

A mãe:

(Sobe tateando a escada, com o olhar angustiado e a voz cheia de ternura):

— Aquí! Estás aqui, meu filho!

Jeremias:

(Erguendo-se sobre os joelhos, cheio de terror e cólera contida).

— Val-te embora... Val... extingui-se a voz... cortado o caminho... oculto para sempre...

A mãe: — Pobre rapaz... tu ficas aqui, vestido tão ligeiramente, na frialdade do muro... vem filho, desamamos... A febre sobe na bruma matinal da terra úmida.

Jeremias:

(Furioso).

— Que te son? Por que me persegues? Oh! Este tormento sem termo — cercado à frente e atrás, de dia e durante o meu sono!

A mãe: — Jeremias, eu não te compreendo. Eu estava lá em baixo e dormia quando me pareceu ouvir dialogar do lado do teto, e eram frases e palavras.

Jeremias:

(Apaixonadamente).

— Tu ouviste... tu também...

A mãe: — Que queres dizer?... Não vejo ninguém contigo...

Jeremias:

(Agarrando-a).

— Mãe... eu te juro, fala-me... Tu escutaste uma voz?...

A mãe: — Ouvi uma voz que vinha do teto e, tateando, vim te acordar. Mas a cobertura estava fria e o leito vazio. Então o medo se apoderou de mim e gritei o teu nome...

Jeremias:

(Cambaleando).

— Gritaste... gritaste meu nome?...

A mãe: — Por três vezes te chamei... Mas porque...

Jeremias: — Por três vezes? Mãe, estás certa disso...

A mãe: — Chamei-te três vezes.

Jeremias:

(Com uma voz que se desfaz).

— Ironia e nada! A mistificação por toda a parte, em mim e fora de mim. Martírio de sonhos... Senso, contrasenso e burla... Louco que sou joguete insensato de meu sonho!...

A mãe: — Que queres dizer... quem é que te obside?...

Jeremias: — Não é nada, mãe, não é nada, não pese as minhas palavras...

A mãe: — Não Jeremias, eu as guardo, mas o seu sentido me escapa. Jeremias, um espírito estranho se apoderou de ti e teu gênio se tornou insólito.

to e hostil. Que aconteceu, meu filho, que inquietação te atormenta?

Jeremias: — Não te preocupes, minha mãe... O leito me sufocava e eu vim beber a frescura...

A mãe: — Não, tu te fechas para mim, filho cruel, mas minha alma está sempre aberta para ti. Pensas que eu não sei como tu vagueias ao luar todas as noites; crês que não te ouço os suspiros quando dormes e os gritos de pavor, quando estremunhado?

Jeremias: — Não te inquietes, mãe, não te inquietes!

A mãe: — Como não hei de inquietar-me? Não és tu o dia dos meus dias e a oração das minhas noites? Uma sombra anuviou-te o rosto e pôs a inquietude em tua alma. Tu te fazes estranho aos amigos e foges dos felizes, evitas a praça pública e a casa dos homens. Mergulhas nos teus pensamentos e renuncias à vida. Jeremias, recupera-te, o sacerdote te chama; as vestes sacerdotais de teu pai te esperam, afim de que laves o Senhor pelo canto e psaltério. Ergue a face à luz do dia, é tempo de aqecer a tua vida e começas a tua obra!

Jeremias: — Não é tempo de começar porque o fim está próximo!

A mãe: — É tempo, é tempo! Não foi ontem que te fizeste homem e a casa reclama uma mulher e filhos, para que a imagem de teu pai desperte.

Jeremias:

(Sombriamente).

— Trazer uma mulher para um teto devastado? Ovar filhos para o degolador? Não é de núpcias a hora que soa para nós?

A mãe: — Não te compreendo.

Jeremias: — É necessário

aquecer minha casa no inverno e minha vida na morte? É necessário semear para o amadurecimento e cantar louvores à ruína total? Digo-te, minha mãe, que feliz é quem, deita em diante, não prende seu coração aquilo que vive, porque quem respira este dia já bebe a taça da morte.

A mãe: — Que aberração a tua! Quando o momento foi mais doce, quando o pais viu mais calma e mais paz?

Jeremias: — Não, minha mãe, eles falam de paz e paz na sua loucura, mas não há paz; eles se deitam e pensam dormir, na sua ingenuidade, mas já dormem a sua morte. Mãe, um tempo está próximo, como nunca houve em Israel, e uma guerra como nunca passou sobre o mundo. Este tempo será tal que os vivos invejarão os mortos nos seus túmulos por causa de sua paz, e os que vivem invejarão os cegos por causa da sua obra. Sempre mais alto sobem as charruas, sempre mais próximo vem o inimigo, o dia do tumulto e do desenvolvimento, e a estrela da guerra surge vermelha do fundo das noites.

A mãe: — Horror... como podes saber?

Jeremias: — Uma palavra de mistério veio sobre minha alma de sorte que eu vi na noite da noite, e conheci as imagens dos sonhos: o recio e o náutico caíram sobre mim e todos os meus membros tremam como um brinquedo; o meu coração murmurava cheio de todas as coisas que eu não pude figurar na escritura; via-ram os cabelos dos homens e o sono ia-se como uma chuva de sua face.

A mãe: — Jeremias... Que é que tens?...

Jeremias: — O fim se aproxima, é o fim, que vem sobre nós, ameaçando do fundo da noite alta; seu carro é de fogo, já há o ronco do pavor no ar!



Um retrato de Stefan Zweig



# Dramaturgo - A VOCAÇÃO DO PROFETA A POETISA

Marcelina Desbordes-Valmore

do céu sagrado, já rugiu a terra  
com o trovão de um galope.

A mãe:

(Atormentada).

— Jeremias!

Jeremias:

(Apresentando-a e prestando  
quidist).

Não ouse sussurrar e ron-  
gar lá perto?

A mãe: — Não ouso nada.  
Amêbebe. Flautas de pasto-  
res acordam o vale, uma brisa  
leve brinca no teto.

Jeremias: — Uma leve brisa?  
O vento ulva, sobe e aumenta,  
o vento de tempestade de Deus.  
E do abismo das negras meias-  
noites que ele vem e cresce, pe-  
gado dos terrores que espalhou  
na cidade. Mãe, mãe, não ex-  
citas um entrecalço de espa-  
das no vento, um rolar de ro-  
das no marulho da vaga? Lan-  
ças o pousa-luz, iluminam a  
noite, guerreiros, guerreiros,  
inescavável exército que o ven-  
to da borrasca arroja sobre o  
país.

A mãe: — Absurdo dos so-  
nhos, loucura e burla!

Jeremias: — Aproxima-se.  
Aproxima-se o povo estrangei-  
ro antigo e forte, que vem do  
oriente do mundo, que marcha  
em estrepito e ulula contra  
nós, suas flexas voam longe co-  
mo o vento e o relâmpago, seus  
cavalos são ferrados com a presa-  
da e eis os seus carros amea-  
çadores como rochas, e no meio  
avança com a coroa de sangue  
a destruidor das cidades, o pro-  
prietário de incêndios, e o tira-  
no dos povos, o rei, o rei da  
Mela-Noite.

A mãe: — O rei da Mela-  
Noite... tu sonhas... o rei da  
Mela-Noite.

Jeremias: — Foi eleito por  
Ele e anelado por Ele, o rude  
executor da mais rude senten-  
ça, que deve esmagar o povo  
como prêmio de suas faltas, que  
deve moer as muralhas e ras-  
gar as torres, extinguir a luz e  
eisar das casas, suprimir a ci-  
dade e o seu templo do mundo,  
e lavar as ruas de Jerusalém!

A mãe: — Blasfêmia insen-  
sível! Jerusalém é eterna!

Jeremias: — Vai cair! Onde  
Deus da o assalto está prestes  
o desmoronamento. Por baixo  
pisar-lhe-ão as raízes e por en-  
cima ser-lhe-ão arrancados os  
frutos e pelo machado e pelo  
achete o grande dos grandes  
destravará a floresta de Israel  
e os campos de Sião.

A mãe:

(Explicando).

— Não é verdade, tu mentes,  
mentes, jamais um inimigo há  
de tomar esta cidade, ninguém  
abalará o Sião, nem o palácio  
de David! O inimigo que vier  
mesmo no fim do mundo eter-  
namente encontrará o recluso  
muro, eternamente os cora-  
ções de Israel durarão. Eterna  
é Jerusalém!

Jeremias: — Ela ruirá! Por-  
que o centro foi partido e o mo-  
mento designado. O fim se  
aproxima, o fim de Israel!

A mãe: — Renegado, renega-  
do de Deus! Nós somos os esco-  
lhidos do Senhor e devemos  
subsistir além dos tempos! Jeru-  
salem não morre!

Jeremias: — O que eu digo  
contem em meus sonhos, e

me foi revelado em minhas vi-  
sões!

A mãe: — Blasfemador, quem  
concebe tais sonhos; blasfema-  
dor sete vezes, quem crê em tais  
sonhos! Ai de mim, ai de mim,  
que devia ver isto: meu próprio  
sangue tremer por Sião e duvi-  
dar do Senhor! Jeremias, Jeru-  
salem? queres pois que meu  
seio se me torça em abomina-  
ção? Não, não te deixarei e  
não deixarei teu espírito entre-  
gado à dívida. Jeremias, meu  
único filho, escuta-me. Eu te  
desvendo um segredo, pela pri-  
meira vez, afim de que teu co-  
ração desperte. Ouve aquela que  
te fala do fundo de sua desgra-  
ça. Eu também fui uma desam-  
parada, porque durante dez anos  
o Senhor selou o meu ventre.  
Tornei-me o gracejo de minhas  
companheiras e a risada das  
concebiças. Dez anos padeci  
isto e perdi a coragem; mas no  
undécimo meu coração infla-  
mou-se, e fui a casa de Deus  
para que frutificasse meu seio.

Jeremias: — Tu nunca m'o  
disseste... nunca...

A mãe: — E eu me roiei na  
terra, e bebi lama com minhas  
lágrimas, e fiz um voto: que um  
filho me fosse enviado para eu  
consagrá-lo ao Senhor. Fiz o  
voto de guardar silêncio, e de  
não deixar escapar palavra du-  
rante meses duros de passar,  
afim de que um dia a creança  
possuísse o dom da palavra pa-  
ra louvar a Deus.

Jeremias: — Tu me consa-  
graste, mãe... tu também...  
tu também.

A mãe: — No mesmo dia teu  
pai me conheceu e eu concebi a  
benção que tu és. Jeremias, es-  
culta, Jeremias, durante nove  
vãos eu sepultei fielmente a  
voz em meu corpo para que to-  
do o poder de falar te pertence-  
cesse, para que te tomasse o  
anunciador do Eterno! Em se-  
guida, desligada do compromi-  
so nos te educamos no ensino  
da escritura, e tua voz querida  
era bela no psaltério; Jeremias,  
tu o sabes agora: sacerdote fos-  
te consagrado desde o começo,  
número de Deus, Dilceira o ro-  
zário de seus sonhos e entra na  
clareza do dia.

Jeremias: — Oh! A dupla  
promessa, minha mãe, o do-  
brado testemunho desta noite.  
Uma segunda vez me trouxe-  
ste à vida; o conhecimento me  
veio por tua palavra porque eis  
aqui o maravilhoso; eu tevi  
minha questão para Deus e ele  
me respondeu por tua boca. Oh!  
O mistério dos caminhos de  
Deus! Oh! O aguilhão dos so-  
nhos, que me tocaram. Oh! As  
visões sedutoras que me aco-  
daram. Oh! O habi caído  
que não erra o golpe. Pois eu  
sei quem batia à parede de  
meu sono, até que eu saísse de  
minha vid solenista, eu sei  
quem espicava minha indol-  
ência, eu sei de quem vinha o  
instante apelo...

A mãe: — Mas que tens tu?  
Teu discurso é de um homem  
embragado.

Jeremias: — Sim, estou ebrio  
da ciência de sua vontade, e  
uma tal plenitude de palavras  
possuo que minha respiração se  
detém medrosa em meu peito.  
Romperam-se os selos de mi-  
nha boca e meu hálito profé-  
tico me queima...

A mãe: — Desgracado se pro-  
fetizás teus sonhos execráveis!  
Não serás meu filho se profe-  
tizas estas insânias.

Jeremias: — Teu filho, mãe?  
Oh! Quanto eu sou teu filho e  
se como se assemelha à tua a  
minha sorte! Sabe-o, eu tam-  
bem fui estéril e ele me en-

gendrou uma palavra e um  
mistério.

A mãe: — Onde vais? Não é  
dia ainda.

Jeremias: — Não sei, Deus é  
quem sabe.

A mãe: — Todavia, qual é o  
teu projeto?

Jeremias: — Seu é meu co-  
ração, seu o meu gesto!

A mãe: — Jeremias, eu não  
te largo. Jura principalmente  
que não dirás teus sonhos...

Jeremias: — Juro tão somen-  
te que pertença a Ele.

A mãe: — ... que não anun-  
ciará ao povo o terror.

Jeremias: — E' ele quem  
anuncia, só os lábios é que são  
meus!

A mãe: — Ah! Tu te furtas  
à minha palavra! Pois bem!  
Escuta e sabe: quem sai a se-  
meiar a dúvida em Israel não  
reentrará mais debaixo do meu  
teto.

Jeremias: — Ele é que me  
dará minha linguagem e meu  
teto.

A mãe: — Quem não crê em  
Sião não é meu filho.

Jeremias: — Eu só pertenco  
aquele por quem meu ser foi an-  
clausurado em teu corpo.

A mãe: — E' assim que mi-  
nha palavra te toca? Mas es-  
culta, Jeremias, escuta  
antes que abras a boca diante  
do povo: do fundo de minha  
alma eu amaldiço aquele que  
lança o terror sobre Israel, eu  
o amaldiço.

Jeremias: — Nada de maldi-  
ção, mãe... E' ele talvez que  
me domina e me impõe.

A mãe: — Maldigo e maldigo  
ainda o renegado de Deus, em-  
bora seja meu filho! Pela úl-  
tima vez, Jeremias... escolhe!

Jeremias: — Eu... seguirei —  
meu caminho.

(Conecta a seguir para a es-  
cada com passo pesado).

A mãe: — Jeremias... tu és  
meu filho único e a consola-  
ção da minha vida...

(Num grito).

— Jeremias! E' sobre mim  
que tu andas e teus passos es-  
magam-me o coração!

Jeremias: — Não sei que di-  
reção tomam meus passos...  
não sinto a pedra sobre que pi-  
so... não sinto snão um gri-  
to que me chama... e eu sigo  
o apelo deste grito...

(Desce lentamente os de-  
graus, a rosto grave e contido,  
os olhos fixos no céu).

A mãe:

(Precipitando-se para a es-  
cada em desespero).

— Jeremias... Jeremias...

(Nenhuma resposta, o grito  
se perde num lamento, e suas  
últimas vibrações recuam pou-  
co a pouco para o silêncio ab-  
soluta. Somente a avantajada  
estatura da mãe vai-se movendo  
diante do céu sobre o qual se  
alarga, cada vez mais a chama  
sangrenta da aurora trágica).

(Tradução de Cândido  
de Carvalho)

(Continuação da pág. 101)

mir sua admiração. Vitor Hu-  
go, ainda adolescente, já a sau-  
da com aclamações. Com lágrima  
e trêmidos recusa ela acen-  
tar todos os enócos por jul-  
gá-los merecidos, quase que  
teme ironia nesses galanteios  
do mundo como outrora nos de  
Valmore. Obria alguma fá-la  
perder jamais essa profunda  
modestia interior. Ela fica "stu-  
pida de jôie", quando lhe diri-  
gem algumas palavras ama-  
veis; e quando Lamartine, o  
mais celebre poeta de sua épo-  
ca, a sauda com uma magnifi-  
ca poesia, estremece e'a como  
se um anjo a chamasse. Na  
poesia em que responde aos be-  
los versos com outros ainda  
mais belos, espantada, declina  
de toda glória:

"Oh! n'as tu pas dit le mot d'ore:  
Et de mot, je ne l'entends pas!"

Constantemente fala da nu-  
lidade de sua humilde pessoa:

"Je suis trop butsonnière et se  
l'est pas aux champs  
Qu'il faut apprendre à modier ses  
éclats."  
Il faut ce qui me manque, une  
solvère écale  
Pour livrer sa pensée au vent de la  
parole."

Ela se curva diante do mais  
insignificante poeta, do último  
dilectante e, como que de joelhos,  
presta homenagem de discipu-  
la a Madame Tasti, uma lírica  
qualquer, de valor efêmero. Du-  
rante uma vida inteira não  
chega a compreender o que é  
a literatura. Nas trezentas car-  
tas suas que se conhecem, em  
vão se pode procurar uma lí-  
nia que se refira a essa fei-  
da das vaidades, e ela com sin-  
gela admiravelmente indestru-  
ível diminui tanto seu próprio  
valor quanto aumenta o alheio.  
A Lalouche, o autor da Frago-  
letta, a esse amigo duvidoso,  
qualifica de "homme d'immen-  
se génie", e durante toda sua  
vida julga-se devedora de gra-  
tidão a ele, por lhe haver o  
mesmo recitado as sílabas de  
seus versos e conseguido um  
editor. Também aqui é ela sem-  
pre a humilde, a delictada —  
"née à genoux", como certa vez  
disse. Mesmo a literatura nada  
consegue modificar na timidez  
profunda de sua personalidade.

Nunca logra ela compreender  
o milagre de sua vida insignifi-  
cante, acanhada e mísera e de  
seus sentimentos escravizados  
e tímidos poderem encontrar o  
interesse e a afeição de qual-  
quer outra pessoa. São apenas  
suas lágrimas, que aqui trans-  
bordam na poesia, cristais vola-  
teis do conflito entre o frio de  
sua vida exterior e a chama in-  
terior, como flores de gelo apa-  
recidos por encanto na super-  
fície límpida do seu destino. E,  
realmente, "larmes et pleurs"  
são os dois vocábulos que sem-  
pre reaparecem em toda sua  
obra, o eterno estribilho de ta-  
das suas poesias, e a dor e a  
desdita, as verdadeiras estrelas  
de sua vida, foram também as  
únicas inspiradoras de suas poe-  
sias. Mas pouco a pouco o sen-  
timento se dilata, se separa do  
seu próprio sofrimento e trans-  
borda na grande compaixão.  
Sua própria vida impregna-se  
com sentimento de consolação  
universal. A dor romântica que  
se compraz consigo mesma e  
que Marcelina involuntaria-  
mente adotou de mãos imitá-  
dores de Byron que viveram na  
sua época, graças a uma bon-  
dade íntima, eleva-se pouco a  
pouco ao trágico sentimento de  
felicidade, e ao mesmo tempo,  
desaparece da linguagem todo  
o estilo bombástico do roman-  
tismo. Sua voz fraca e sonora

torna-se forte no apelo a favor  
dos outros. A contrariedade  
com todo sofrimento terrestre  
apresenta em seus versos últi-  
mos uma veemência sublime.  
Em versos dirige-se a todos os  
que são humilhados:

"Vous qui souffrez, je vous permets  
(pour moi seule)  
Pleureuses de ce monde, n'ayez  
l'envie!"

Em sua própria voz sente la-  
mentarem-se todas as mães;  
todas as lágrimas do mundo  
correm para as suas, milhares  
de gemidos dão asas a sua poe-  
sia. Em Lião, a cidade insur-  
ta, seu lamento torna-se uma  
acusação e seu apelo um grito.  
O amor fez da criança tímida,  
da jovem que foi facilmente se-  
duzida, uma mulher, e a mater-  
nidade e a dor transformam-na  
numa criatura altruísta. Ela  
acusa, aponta com os dedos  
trêmulos para os canhões que  
matam as criaturas humanas,  
pais, mulheres e mães, e sem  
que ela o perceba, uma época  
agitada a nelama grande poe-  
tisa social. Descreve a miséria  
dos operários, o desdém dos  
ricos e a comédia dos tribunais,  
volta-se para a humanidade in-  
teira e ergue a voz a Deus. To-  
da desgraça encontra nela con-  
fraternidade:

"Je me laisse entraîner par l'on en-  
tend des élanes  
Je joue avec mes pleurs, j'aboue  
l'aveux mes pleurs  
L'élève mon cœur vers la Dieu des  
malheureux,  
C'est mon seul droit au ciel et j'y  
frappe pour eux."

Seu amor transforma-se em  
amor à humanidade, toda sen-  
timentalidade foi varrida pela  
tempestade do destino, e quan-  
do agora ela ergue a voz para  
uma lamentação, absolutamen-  
te já não tem em vista sua pe-  
quena sorte; humilde, quando  
se trata de sua pessoa, fá-la im-  
periosa e destemida, quando o  
faz em prol da humanidade.  
Seus versos são queixas dirigidas  
em voz alta, forte e amea-  
çadora, ao criador de todos os  
tormentos, ao soberano da dor.  
Já não é a mulher que fala de  
saúde e de falta de corres-  
pondência ao sentimento femi-  
nino e sim a criatura anôni-  
ma, que invoca o Anônimo  
e os últimos, os mais belos  
versos de Marcelina já são so-  
mente diálogos entre a criatu-  
ra que sofre, e o seu criador,  
Deus.

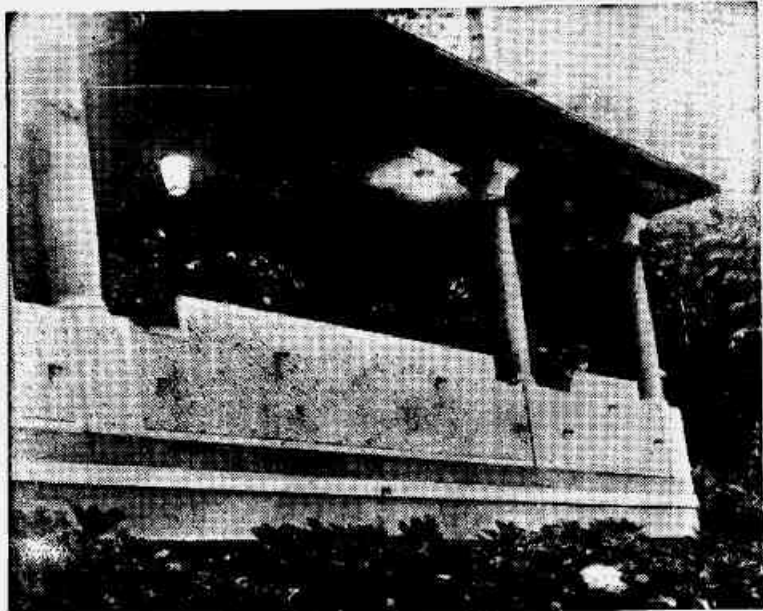
(De A tragédia de uma vida).

## Correspondência de escritores

### Carta de Stefan Zweig a Inez Teltcher

Presada sra. Teltcher.  
Estou sinceramente agrade-  
cido pela dádiva de seu livro, que  
me encontra no melhor mo-  
mento — naquele em que eu  
mesmo estou empenhado em  
conhecer o caráter especial e a  
beleza deste país e talvez tam-  
bem escrever: estou mesmo in-  
teressadíssimo. A semana que  
vem (cheguei, de uma nova ex-  
cursão em S. Paulo) vou para  
Minas Gerais para conhecer  
Ouro Preto e as velhas cidades  
do ouro; pela segunda vez quero  
visitar a Baía e também se for  
possível conhecer o Rio São  
Francisco. Nesse meio tempo es-  
tarei de novo no Rio e se me  
sobrar qualquer hora tomarei a  
liberdade de agradecer-lhe pes-  
soalmente, pelo seu livro, que  
não somente a mim, mas a mu-  
ltos outros também, fornecerá  
conhecimentos profundos acer-  
ca do caráter e da estruturação  
peculiar do Brasil. Com sinceros  
agradecimentos, seu devo-  
tado

STEFAN ZWEIG



A casa da rua Gonçalves Dias, em Petrópolis, em que Stefan Zweig, em companhia de sua esposa, se suicidou

## In memoriam de Stefan Zweig

(ESPECIAL PARA  
"AUTORES & LIVROS")

Recordações pessoais - Ernesto Feder -

Stefan Zweig, que tão de repente nos deixou há uma semana, era, ao lado de Thomas Mann, o maior escritor de língua alemã e, como autor de contos, não tinha igual entre os vivos. Sua capacidade de produção não diminuiu nos últimos seis meses de vida que ele passou neste país que tanto amava e ao qual dirigiu o seu último adeus. Acabara de compor sua auto-biografia e ultimava um trabalho sobre Américo Vesputio, obras que, em breve, serão dadas à estampa. O seu último trabalho completo é uma novela "Conto de raiz". Remetem-me os manuscritos com uma carta em que se dizia "muito grato se lhe quisesse apresentar, sem reservas, quaisquer objeções". Amavelmente modesto, agradecia algumas notas com que lhe restituía a novela em que trabalhava, com sua argúcia e virtuosidade habitual, dois problemas psicológicos, compondo, assim, um de seus melhores contos.

O trabalho capital que ele deborava escrever e a que renunciou com uma resignação triste era o seu projetado livro sobre Balzac. Muitos anos já alimentava a ideia de escrever a grande obra sobre o maior criador na prova. Em sua casa em Bath, na Inglaterra, onde, alguns meses antes da guerra, se instalara para o resto da vida, segundo acreditava, reunira todos os elementos de estudos e de pesquisas acerca do romancista francês. Era labor para dois ou três anos.

A guerra separou-o de sua documentação e de seu projeto favorito. Em sua última palestra disse-me que morreram todos quantos tinham a biografia de Balzac.

Nas últimas semanas trabalhava num livro sobre Montaigne e durante nossos passeios sob o céu estrelado de Petrópolis, falava-me, volta e meia, nas semelhanças entre a época movimentada do grande francês e os tempos atuais.

Dessa obra deixou completos dois capítulos. Pedira que eu lhe emprestasse a minha edição de Montaigne, porque a sua estava incompleta. Quando de minha última visita, sábado à noite, véspera do dia que seria

o seu derradeiro dia, me restituiu os volumes acrescentando, de modo um tanto vago, que já não precisava mais dele.

Stefan Zweig, morabente, muito sofrera com a primeira guerra mundial, em cujo decurso tentara, com alguns amigos, manter os laços espirituais entre os intelectuais dos países inimigos. Morreu no decorrer da segunda guerra. Não são só os abusos e as metralhadoras que matam. Sua alma não mais podia suportar os horrores de uma quadra que destrói, em horas, o que os séculos construíram. Viêna, essa obra-prima sem par do espírito e do sentimento humano, sua pátria estremecida, estava, para sempre, quebrada. A Europa, de que se sentira cidadão, acima de todas as barreiras nacionais, se entredesmorava. No Brasil, que ele amava e compreendia e onde o estimavam e pensavam, achava a sua nova pátria. Mas o sequestrário não mais se sentia com forças de aqui construir uma existência nova. Não o consolava sua situação privilegiada. Repetiam-lhe os dorosamente nele as desgraças do mundo. Seu trabalho intelectual já lhe parecia sem razão de ser. Grande parte de nossas últimas palestras consistia nas tentativas, que eu fazia, de refutar-lhe os exageros pessimistas. Quando, no decorrer de um passeio noturno pús em relevo o nenhum enfraquecimento de sua produção e do seu destino de dar ao mundo novas obras, me respondeu melancolicamente: "Veiamos! Em tudo o que escrevi havia sempre raios de feliz e esplendoroso. Acabou-se". A extrema sensibilidade, base da fina psicologia de seus romances, novelas e biografias, que lhe dava esse talento único para reconstruir os caracteres e as vidas do passado, o levou a sentir, mais profundamente, também, os sofrimentos da humanidade. O antissemitismo ignobil de um país que tanto deve aos judeus e de outros países contaminados por esse mal; as angústias, sem conta, de seus correligionários em grande parte da Europa, pesavam, demasiadamente, sobre ele, se bem que sua reputação internacional e sua reputação universal não tivessem sofrido qualquer abalo.

O que mais o entristecia era essa onda de raiva que espumava pelo mundo, incompreensível para quem, como Antígona, se sentia criado para participar do amor e não do ódio.

Poucos homens terá havido, talvez, que amassem a vida tanto quanto ele. Mas essa vida, nas circunstâncias atuais, não lhe oferecia mais nenhum atrativo. Depois de ter regulado minuciosamente, todos os seus negócios; depois de se ter despedido dos amigos, do país que o acolhera e do mundo, partiu com sua jovem esposa que o amava e que ele amava — tal como, há cento e trinta anos, fizera o poeta Kleist a quem, em seu livro "Arquitetos do Mundo" consagrau um de seus mais comoventes ensaios.

Kleist, em sua última carta, escreveu ao amigo: "Que o céu te dê uma morte tão cheia de alegria e de infatigável serenidade como a minha". Na morte de Zweig não houve alegria. Houve, porém, muita serenidade.

## Opiniões sobre Stefan Zweig

DE EDMOND JALOUX

É humana como o são os russos, e o é com uma vivacidade, uma paixão, um furor de sentimento, que não são de um russo, porque não tem nem o seu fatalismo, nem a sua descontinuidade. E o é no quadro da arte francesa. Suas obras são as de um homem de prodigiosa cultura, mas de uma cultura à maneira vienense: quer dizer que a sua cultura é um dos elementos mesmo de sua humanidade, como sucedeu também com Hugo von Hofmannsthal.

# PEQUENA

Aísei o mês de agosto do último verão em Cadenabbia, uma daquelas localidades situadas nas margens do lago de Como e que se escondem com tanto encanto entre brancas vilas e a floresta escura.

Calma e pacata, mesmo nos dias mais animados da primavera, quando os viajantes de Belágio e Menaggio excursionavam à estreita praia, a cidadezinha estava nestas semanas calada numa solidão odorosa e lúscida ao sol. O hotel achava-se quase inteiramente vazio: alguns hóspedes esparsos, cada qual despertando a atenção dos outros pelo fato de ter escolhido para estadiação de veranico uma localidade tão perniciosa, admirando-se cada manhã de ainda encontrarem os outros ali. O que me causou maior admiração foi um cavalheiro idoso, muito distinto e culto, na aparência um tipo intermediário entre um coronel britânico inglês e um andarilho parisiense, que sem recorrer a nenhum esporte aquático, pensativo, passava os dias vendo o fumo dos cigarros ir-se evolvendo em espirais na atmosfera ao se chegando de vez em quando um livro.

A solidão fastidiosa de dois dias de chuva e sua noitada franca deram rapidamente ao nosso conhecimento uma cordialidade que fez desaparecer quase por completo a diferença de idade que havia entre nós. Livônio de nascimento, educado na França e depois na Inglaterra, sem nunca haver tido profissão, sem residência fixa há anos, era ele um indivíduo sem dono, à maneira nobre daqueles que, quais viciados e piratas do século, numa passagem rápida coligiram as coisas preciosas de todas as cidades. Interessava-se como "dilettante" por todas as artes, mais, maior do que o amor a elas era seu desprezo desistente de servir-lhes: agradecia-lhes multissimas belas horas sem lhes ter dedicado um único esforço criador. Levava uma daquelas existências que parecem superfúas, porque não se prende a nenhuma comunidade, porque toda a riqueza que em diferentes acontecimentos preciosos de sua vida neles arrastaram, desaparece com o seu último suspiro e não passa a herdeiros.

Sobre isto falei-lhe uma tarde, quando, após o jantar, estávamos sentados diante do hotel e apreciávamos como o lago claro escurecia lentamente aos nossos olhos.

Ele sorriu e disse: "Talvez o senhor não deixe de ter razão. Com efeito, não acredito em recordações: o fato que se vive desaparece com o instante que nos abandona. E fiquem: isto também não desaparece igualmente vinte, cinquenta, cem anos mais tarde? Mas vou-lhe contar hoje algo que eu então seria uma bonita novela. Venha! Andando, fale-se melhor de tais coisas".

Assim fomos percorrendo o maravilhoso caminho que margeia o lago, subindo pelos ciprestes eternos e pelos trevozeiros frondosos, entre cujas ramagens o lago rebrilha inquieto. Do outro lado estava Belágio, a muralha branca, suavemente pontilhada pelas cores cambiantes provenientes do sol já encoberto, e no alto, bem no alto, por cima da colina escura, brilhava, cercada de raios diamantinos, a coroa cintilante de muros de Vila Serbelloni. O calor estava um pouco abafado, porém não pesado, e como um braço magro de mulher apoiava-se com ternura nas sombras e enchia a atmosfera de perfume de flores invisíveis.

Ele principiou a falar: "O começo será uma confissão. Me agora não lhe disse que já no ano passado estive aqui, em Cadenabbia, pela mesma época e no mesmo hotel. Isto pode despertar-lhe admiração, tanto mais que lhe disse que em minha vida sempre tinha evitado repetições. Mas ouça! Havia naturalmente a mesma solidão como desta vez. Achava-se aqui o mesmo cavalheiro de Milão que pesca o dia inteiro, para soltar de si os peixes e na manhã seguinte apanhá-los outra vez. Estava também duas inglesas velhas, cuja existência, ligeiramente vegetativa, mal se notava; além disto um belo jovem com uma jovem encantadora e pútil, que até hoje não creio que fosse sua esposa, porque os dois pareciam querer-se demasiadamente. Finalmente havia aqui uma família alemã, que apresentava o tipo mais acentuado dos alemães do norte. Uma senhora idosa, loura, ossuda, de movimentos angulosos e olhos rigorosos e uma boca afiada que parecia talhada à faca e à serra. Com ela uma outra senhora, evidentemente sua filha, pois esta tinha os mesmos traços que a outra, apenas atenuados, um pouco mais brandos. Ambas estavam sempre juntas, porém nunca conversando e sim sempre inclinadas sobre o bordado, em que pareciam tecer toda seu apoucamento mental, quais pássaros mexoráveis dum mundo de enfado e acanhamento de espírito. E entre elas uma menina dos seus dezesseis anos, filha das duas, de qual não sei, pois com o franco inebriamento de seus traços já se mesclava um leve arredondamento mulhêr dos mesmos. Ela não era propriamente bonita, era demarcada, fechada, impúbere, além disto vestida simples e desajeitadamente, mas havia alguma coisa de tocante em sua ansia e involução. Seus olhos eram grandes e também cheios de luz sombria; eles sempre fugiam embaraçados, fazendo voar seu brilho em luzes coriscantes. Também ela parecia sempre com um trabalho, mas suas mãos muitas vezes tornavam-se vagarosas, os dedos adormeciam e então ela permanecia quieta, com um olhar sonhador, imóvel, dirigido apenas para o lago. Não sei o que naquele olhar me atraía tão singularmente. Teria sido o pensamento trivial e, apesar disso, tão inevitável, que ocorre a alguém quando vê a mãe já fanada com a filha em flor, a sombra atrás do vulto, a ideia de que escondidas esperam em cada face a ruga, em cada



# NOVELA DE VERÃO — Stefan Zweig

Os últimos documentos escritos por Stefan Zweig

riso, a indaga e em cada sonho a desilusão, a sua vez? Ou foi esta ansiedade intensa sem objetivo e que justamente estava despertando e que em tudo nela se revelava, aquele instante único, maravilhoso na vida das meninas, no qual elas dirigem colossalmente o olhar para tudo, porque ainda não possuem aquilo a que depois se agarram e em que ficam presos como algas em maré alta flutuante? Era para mim incrivelmente empolgante olhar para o seu olhar sonhador e úmido, a maneira ríndosa e chapada pela qual acariciava os cães e os gatos, a agitação que a fazia começar diversas coisas e não terminá-las. E além disso a ardente precipitação com que de noite percorria os pavimentos dos volumes da biblioteca do hotel ou folheava os dois volumes de poesias lidas e rebidos que consigo trazera, os seus Goethe e Faustsch... "Mas por que sorri, o senhor?"

Tive de desculpar-me: "É apenas a associação, Goethe e Faustsch".

"Ah, sim! Naturalmente, é cômico. Mas também não o é. Contudo, a menina nessa idade tanto se libera da lerem boas ou más poesias, verdadeiras ou falsas. Para elas os versos são apenas o que serve para matar a sede e elas não dão atenção ao conteúdo, pois já estão embriagadas antes de o beberem. E assim era essa menina, tão transbordante de ansiedade que esta liberdade até nos olhos e a fazia tamborilar com os dedos na mesa e dava a si um andar uma maneira especial desajeitada e anímica tempo precipitada entre vóo e medo. Via-se que ela tinha sede de conversar com alguém, de desfazer-se de um pouco daquilo que a enchia, mas não havia ninguém, apenas a solidão apenas à sua direita e à sua esquerda os ruídos das águas, os olhares frios, circunspectos das duas senhoras. Sentia-se uma imensa conquista. Contudo, não podia aproximar-se dela, pois em primeiro lugar um homem adiantado em anos não vale para uma menina nessa ocasião e em segunda tinha receio de conhecimentos com famílias, e sobretudo a preocupação com senhoras burguesas um pouco idosas excluía todas as possibilidades. Tentei, então, uma coisa curiosa. Pensei: ela é uma menina nova, inexperiente, que certamente está pela primeira vez na Itália, a qual, graças ao inglês Shakespeare, que nunca aqui esteve, passa na Alemanha por ser o país do amor romântico, dos Romeus, das aventuras secretas, das letras espedecidas, dos punhais relampejantes, das máscaras, das tentativas e das cartas amorosas. Certamente ela sonha com aventuras. E quem não conhece sonhos de meninas, estas nuvens francas, flutuantes, os quais sem destino pairam no azul, e assim como as nuvens ao anoitecer, sempre ardem com cores puras vivas, a princípio rosa e depois vermelho ruilante? Aqui a esta menina nada pareceria improvável e impossível. Por isso decidi então a inventar para ela um namorado misterioso.

Na mesma noite escrevi uma longa carta de ternura íntima e respeitosa, cheia de indícios de natureza diferente e sem assinatura. Uma carta que nada pedia, nada prometia, ao mesmo tempo exaltada e discreta, em suma uma carta romântica de amor, como que extraída duma poesia. Visto saber que ela, inquieta pela sua impaciência, era todos os dias a princípio que aparecia para o almoço, meti a carta entre as dobras de seu guardanapo. Chegou a hora da refeição. Observei do jardim, e a sua inesperada surpresa, seu súbito espanto, a clama vermelha que apareceu nas faces pálidas e rapidamente correu até ao fundo da garganta. Vi-a olhar perplexa em redor, esconder um movimento furtivo a carta. Depois observei como estava ela nervosa à mesa, apenas tocou no almoço e saindo logo à toda a pressa para um recanto dos corredores sombrios e desertos, afim de decifrar a carta misteriosa... O senhor queria dizer-me alguma coisa?"

Eu involuntariamente fizera um movimento, cuja razão tive que dar. Achei isto muito curioso. O senhor não pensou na possibilidade dela investigar ou, o que era mais simples, de perguntar ao "garçon" como aquela carta fora parar no guardanapo? Ou de mostrá-la à sua mãe?

"Naturalmente, pensei nisso. Mas se o senhor visse a jovem, essa criatura tímida, espantada e encantadora, que sempre olhava melancolicamente em torno de si, quando falava um pouco mais alto, não faria essa ponderação. Há meninas, cujo poder é tão grande que o senhor pode atrever-se a tocar as maiores liberdades com elas porque não muito irresolutas e preterem suportar a pior coisa a se confiarem com uma palavra a outras pessoas. Sorridente acompanhei-a com o olhar e alegrava-me por ver como minha brincadeira havia sido bem sucedida. A jovem vinha de volta e causou-me grande surpresa: já era outra menina, o seu andar já era outro. Avançava inquieta e embriagada, uma onda ardente havia inundado seu semblante e uma doce perturbação a tornava desajeitada. E assim passou o dia todo. Seu olhar dirigia-se para cada uma das janelas, como se pudesse ali apanhar o segredo, cercava todos os transeuntes e uma vez cam sobre mim, que me desviei cautelosamente dele, afim de não me tirar por um instante; mas nesse instante rápido como um relâmpago, senti a interrogação ardente, diante da qual quase me espantei e senti anos depois que nenhum prazer é mais perigoso, sedutor e perverso do que fazer saltar aquela primeira centelha nos olhos duma jovem. Ena vi depois com dedos sonolentos sentada entre as duas senhoras e observei como, às vezes, levava apressadamente a mão à parte de seu vestido, na qual eu tinha certeza de que ela escondia a carta. A brincadeira estava me atraindo. Nessa noite

escrevi-lhe uma segunda carta e o mesmo fiz nos dias seguintes. Tornou-se um especial encanto personificar em minhas cartas os sentimentos duma jovem apaixonada, inventar exaltações duma paixão que apenas era imaginada; isto tornou-se um divertimento interessante, tal qual o dos caçadores, quando põem armadilhas ou atraem a caça para a boca da sua espingarda.

Tão indescritível, quase espontâneo foi para mim o meu próprio êxito, que pensei interromper a brincadeira, se a tentação não me houvesse tão ardentemente preso a ela. Uma leveza, um brutal enleio como o da dança fez-se ver no andar da jovem, uma certa beleza própria e ardente brotou de seus traços; seu sono deveria ser uma constante espera pela carta do dia seguinte, pois de manhã ela apresentava olheiras e tinha o olhar inquieto e errante. Ela começou a prestar atenção à sua "toilette", trazia flores no cabelo, uma admirável ternura para com todas as coisas abrandava suas mãos, no seu olhar havia uma constante interrogação, pois ela sentia nas mil pequenas coisas que eu revelava nas cartas, que o autor devia estar próximo dela, devia ser um Ariel que com músicas enchia os ares, pairando perto, espreitando a mais íntima atividade e, apesar disto, invisível por sua própria vontade. Tornou-se ela tão alegre que mesmo as duas senhoras elusas não escapou a transformação, pois estas, às vezes, com meiguice e curiosidade, fixavam o seu olhar na figura apressada e nas faces que desalrochavam, para depois se fitarem com sorrisos furtivos. A voz da menina tornou-se sonora, mais alta, clara e enxada, e na sua garganta havia muitas vezes um movimento tremulante, como se subitamente um canto, em exultantes trinado, quisesse se manifestar como se fosse... Mas o senhor está de novo sorrindo.

"Não, não, por favor, continue a narração. Apenas estou pensando em que o senhor narra muito bem — perdoo-me — o senhor tem talento e contaria isto tão bem como um dos nossos novelistas".

"Com isto corteje e cautelosamente quer dizer-me que eu narro como os seus novelistas alemães, portanto com elevação, extensão, sentimental e enfiandamente. Bem, vou ser mais breve! A marionete dançava e eu com a mão avistada puxava os cordões. Para desviar de mim qualquer suspeita, pois, às vezes, eu sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, decia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim, que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aqui num lote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava sob um pretexto da vigilância materna, correr e dum ângulo da doca, com respiração suspensa, passar em revista os que chegavam. Certa vez, numa tarde sombria, em que não achei melhor justatempo do que observar a menina, deu-se um fato muito curioso. Entre os passageiros havia um belo jovem, vestido com aquela elegância extravagante da mocidade italiana, que, quando perreçia com os olhos o local, deu de cheio com o olhar da jovem, o qual, com impaciência, procurava alguma coisa. Ela, após um sorriso leve, enrubescer de vergonha. O jovem parou num instante, prestou atenção — o que é facilmente compreensível quando alguém recebe um olhar tão ardente, cheio de mil coisas que não foram ditas — sorriu e procurou segui-la. Ela fugiu, parou convencida de que essa pessoa era a que procurava há muito tempo, continuou a andar e de novo olhou para trás: deu-se aquele eterno jogo entre o querer e o temer, entre o desejo e a vergonha, no qual, contudo, sempre a doce frieza é a parte mais forte. Ele, visivelmente animado, andava que surpresa, seguiu e já estava perto dela, e eu senti espantado como tudo se deveria confundir para dar um caos alfinado. Nesse momento vinham chegando as duas senhoras. A menina, como uma ave assustada, correu para elas, o jovem cuidadosamente se afastou, mas, ao voltar as costas, os olhares dos dois ainda se encontraram uma vez, ardentemente se absorveram um ao outro.

Este fato advertiu-me a dar um fim a essa brincadeira, mas a sedução era demasiadamente forte e resolvi tomar este acaso como auxiliar espontâneo e escrevi a ela nessa noite uma carta extraordinariamente longa, que deveria confirmar sua suspeita. Senti encanto em agir agora com dois personagens.

"Na manhã seguinte a confusão que tremia nos seus traços fisionômicos espantou-me. O belo desassossego cedera a um nervosismo que eu não compreendia, seus olhos estavam úmidos e vermelhos como os de quem chorou, ela parecia possuída de uma profundíssima dor. Todo seu silêncio parecia querer desabalar-se num grito brutal, em torno de sua fronte havia obscuridade, nos seus olhares um desespero amargo e sombrio, ao passo que eu esperava desta vez uma alegria franca. Fiquei com medo. Pela primeira vez se intrometia alguma coisa de estranho, a marionete não obedecia e dançava de modo diferente do que era do meu desejo. Procurei todas as explicações possíveis e não encontrei nenhuma. A minha brincadeira começou a causar-me medo e não voltei antes da noite para o hotel, afim de fugir à acusação do seu olhar. Quando regressasse, compreendi tudo. A mesa já não estava posta, a família partira. Ela tivera de partir sem lhe poder dizer uma palavra e não pôde revelar aos seus quanto seu coração estava preso a um único dia, a uma hora; ela fora arrastada do seu doce sonho para uma insípida realidade qualquer. Isto eu esquecera. Sinto agora ainda aquele último olhar como acusação, aquela

(Continua na pág. 108)

Ao deliberar suicidar-se, o autor de "Fouché" escreveu algumas cartas e alguns bilhetes, explicando o seu desesperado gesto.

Estes alguns desses documentos:

## CARTA AO DR. CARDOSO DE MIRANDA, PREFEITO DE PETRÓPOLIS

"Querido confrade: Sinto-me ainda no dever de agradecer-lhe as boas horas que pude passar na sua admirável cidade. Se eu ousasse reconstruir, pela terceira vez, a minha casa: se tentasse reconstruir a minha vida, que foi separada de suas raízes natas, isso se daria, aqui, e em nenhuma outra parte. Como é doce viver e trabalhar em Petrópolis, no meio de uma natureza generosa e calma. Meu derradeiro olhar abraça a minha janela, numa última vez, toda a beleza suprema da paisagem. Quero agradecer-lhe, também, pessoalmente, a sua grande amabilidade e pedir-lhe que guarde uma boa recordação do seu — (a.) Stefan Zweig."

## CARTA AO DR. JOAO KOFKE FROES, DIRETOR DA BIBLIOTECA DA PREFEITURA DE PETRÓPOLIS

"Caro senhor. Não tenho aqui minha biblioteca, além do estritamente necessário ao meu trabalho, tenho apenas alguns livros que o acaso e a amizade deixaram junto a mim, mas sentir-me-ia feliz se quisesse escolher alguns para a vossa valiosa Biblioteca, que tanto me foi útil e que testemunha a vossa dedicação e o vosso amor pelos livros e pelas letras.

Oxalá possa ela desenvolver-se cada vez mais e dar a outros o prazer que a mim próprio proporcionou.

Vosso dedicado amigo,

(a.) Stefan Zweig."

## BILHETE A POLÍCIA (ESCRITO EM PORTUGUÊS)

"Façam o favor de informar ao sr. Abrahão Koogan-Editora Ganabara - 132, rua do Ouvidor, Rio, tel. 22-7231, e ao dr. Samuel Salamão, rua 1ª de Março, 38, Rio. — Muito obrigado! — (a.) Stefan Zweig."

## Só a memória resta ao exilado...

Stefan Zweig

De todo meu passado não tenho comigo senão o que trago no cérebro. Tudo o mais neste momento é para mim inatingível ou está perdido. Mas a boa arte de não depolar o perdido, a nossa geração aprendeu-a a fundo, e talvez a falta de documentos e de pormenores seja até de vantagem para este meu livro. Não considero a nossa memória um elemento que simplesmente por acaso conserva uma coisa e também por acaso perde a outra, mas sim uma força que cientemente ordena e ambientemente exiama. Tudo o que esqueçamos da nossa própria vida verdadeiramente há muito já estava condenado por um instinto interior a ser esquecido. Só o que quer ficar conservado tem o direito de ser conservado para os outros. Por isso, recordações, falas e esboços, em vez de eu o fazer e, daí ao menos um reflexo da minha vida antes que ela submerja nas trevas!

# O PROBLEMA TORTURANTE

Deus torturou-me durante toda a minha vida.

DOSTOIEVSKI.

"Existe ou não um Deus?" É nestes termos que Ivan Karamazov interpela o seu duplo, o diabo, na horrível conversação que viveira. O levitador, porém, não tem nenhuma pressa em dar a solução de uma questão que o atormenta há o mundo. Com uma obstinação ferrenha, um desejo louro de certo, insiste Deus, Ivan insiste: é porque que o diabo responde à pergunta mais importante da vida. Mas aquele não faz alusão ao fundo da sua impaciência. Diz ao desesperado que nada sabe. Tortura o homem deixando a pergunta sem resposta, mantendo-o na angústia de Deus. Todos os personagens de Dostoiévski, e ele em primeiro lugar, têm esse diabo dentro de si, que põe o problema de Deus e não responde. Tem esse "crucificado superior" que se tortura a si mesmo com essas questões. Stavroguine, o diabo feito homem, interpela, de repente, o humilde Schatun: "Crê em Deus?" Como um punhal, enterra-lhe essa pergunta no coração. Schatun vacila, empalidece, fresta, porque os heróis verdadeiramente sinceros de Dostoiévski, estremecem diante desta confissão suprema (que fez tantas vezes o próprio Dostoiévski, tremer e ele causou uma santa agonia). Como Stavroguine insiste, agonia essa retratada: "Credo na Rússia". Só a sua fé na Rússia foi-o aceitar Deus.

Esse Deus oculto, o Deus que está em nós, a despeito de nós, o despertar de Deus, eis aí o problema que Dostoiévski coloca em todas as suas obras. Como recordador russo, considera que esse problema de Deus e da imortalidade é "o mais importante da vida". Nenhum dos seus personagens pode evitá-lo: faz corpo com ele; é a sombra dos seus atos. Não podem escapar-lhe. O único que procura negá-lo, Kiriloff, esse martir do pensamento, suicida-se para malhar a Deus e prova, assim a sua existência e a impossibilidade de fugir-lhe. Vejam essas conversas em que os interlocutores procuram evitá-lo, querem esquivar-se: procuram manter-se em assuntos banais, no "small talk" do romance inglês, falam da seridão das mulheres, da Madonna Sirlina, da Europa, mas o problema de Deus abrange todos os assuntos, atravessa-os para o insuperável. Toda discussão entre esses personagens acaba na ideia da Rússia, ou na de Deus. E sabemos que para Dostoiévski essas duas ideias são idênticas. Russos, personagens de Dostoiévski, são tão incapazes de deter as suas ideias quanto os seus sentimentos: passam facilmente dos fatos, do concreto, ao abstrato, ao fim do infinito. É o fim de toda a questão, é a questão de Deus. É o turbilhão interior que arrasta as ideias, o escarro purulento que enche a sua alma de febre.

De febre, porque Deus (o Deus de Dostoiévski) é o princípio de toda a inquietude, é a origem das angústias, é, ao mesmo tempo, o sim e o não. Não é qualquer coisa que palra levemente por sobre as nuvens, numa contemplação bemaventurada, como nos quadros dos mestres antigos, ou nos escritos místicos. O Deus de Dostoiévski é a centelha que sai dos polos elétricos dos contrastes elementares. Não é um ser, e sim um estado, uma tensão, uma combustão do sentimento, é o fogo, a chama, que aquece todos os seres, e que os abraça no estase. É o chicote que os faz sair do seu corpo calmo e morto, no para impeli-los para o infinito, que os atrai para os excessos

das palavras e do ato, que os precipita no espinheiro ardente dos seus vícios. Como o homem que o erro, como os seus personagens, é um Deus insuportável, que nenhum pensamento, nenhuma dedicação satisfaz. É aquele que nunca se pode atingir, e a fonte de todo tormento. E do peito de Dostoiévski escapa o grito de Kiriloff: "Deus torturou-me durante toda a minha vida". Eis aí o segredo de Dostoiévski. Precisa de Deus e não o encontra nunca. As vezes acredita pertencer-lhe. O êxtase apodera-se dele e, ao mesmo tempo, a sua necessidade de negação o repele para o solo. Mais que qualquer outro afirmou essa necessidade de Deus. "Deus é-me necessário", exclama, "porque é o único ser que se pode amar sempre". E em outra parte: "Para o homem, nenhuma angústia é mais contínua, mais torturante que a procura de qualquer coisa diante de que se possa inclinar".

Essa angústia torturou-o durante sessenta anos; ama a Deus em cada um dos seus sofrimentos, ama-o mais que tudo, porque é o sofrimento eterno, e porque o amor ao sofrimento é o pensamento mais profundo do seu "eu". Durante sessenta anos luta para elevar-se até ele e "como a uma seca" aspira à fé. Eternamente dilacerado procura a unidade: sempre perseguido procura um auge; invocado através dos medos da política e aí se perdendo, procura a saída, o mar, a colina. Em vez da paz sonhada, encontra a fúria que a abraça. Quer a ser pequeno como os fracos de espírito, queria ter a fé do carvoeiro, "como a gorda padela que pesa três quintais". De boa vontade cessaria de ser consciente, instruído entre todos, para ser um crente. Como Verlatine, implora: "Deem-me a simplicidade". Afogar o seu pensamento no sentimento, expandir-se no vazio pacífico de Deus, chegar à obscura placidez do bruto, tal é o seu sonho. Estende os braços para Deus, agita-se, clama o seu fervor, lança os harpões de sua lógica para agarrá-lo, arma-lhe artimanhas ciladas. Tal como uma flecha, a sua paixão procura atingi-lo. É uma verdadeira sede de Deus, uma paixão quase "inconsciente", um narcisismo.

É crente por ter querido crer com tanta fanatismo? Dostoiévski, o adorado mais eloquente da verdade, é o partidário da "pravoslavia", e um poeta muito crente? Sim. As vezes durante um minuto. Então o seu espanto perde-se no infinito. Agarra-se a Deus. Pensa ter segurado essa harmonia que foge dele aqui na terra. É, crucificado de sua dualidade, resuscitado num céu único. Qualquer coisa, entretanto, fica deserta nele, que resiste a esta combustão da alma. Enquanto que parece a presa de uma embriaguez sagrada, seu impiedoso espírito de análise fica desperto e avança o oceano em que vai afundar-se. Mesmo no problema da existência de Deus, o desconforto incurável que está em cada um de nós, logo se manifesta e nele mais que em nenhum outro. E, ao mesmo tempo, o mais crente dos fiéis e o mais decidido dos ateus. Todos os argumentos plausíveis das duas opiniões, os seus personagens os exprimem com a mesma força persuasiva (sem convencer nem chegar a uma decisão). Comprova-se, no humilde dom de si mesmo, em serem o grão de poeira absorvido por Deus, e, inversamente, a serem eles mesmos Deus. "Reconhecer que há um Deus e reconhecer stase, simultaneamente que não se tornou Deus, seria uma loucura que levaria ao suicídio". Seu coração é tanto de servidor de

Deus, como de seu negador. Na conciliação interrompida dos seus personagens, não toma partido, as suas angústias são do crente ao herético. Sua fé é uma corrente alternada entre os dois polos do mundo, entre o sim e o não. Dniele de Deus, Dostoiévski é aquele que está excluído da unidade.

É um Sisypho que eternamente impõe o rochedo par us alloy cunhos do conhecimento, de onde eternamente tomba, e aquele que se eleva eternamente para Deus sem nunca atingi-lo. Entretanto Dostoiévski não é o grande pregador da fé. Um hino de triunfo a Deus não atravessa a sua obra? Seus escritos políticos e literários não demonstram peremptoriamente a necessidade da existência de Deus, não decretam a ortodoxia, não registam o ateísmo como o último dos crimes? Dostoiévski, o poeta que se volta incessantemente, a antinomia incorporada, prega a necessidade da fé, para os outros, com um fervor tanto maior que ele mesmo não crê (entendo por isso que não tem uma fé contínua, calma, confiante, para a qual "o entusiasmo exclamado" e "o supremo decré" da Sibéria escreve a uma mulher: "Diz-lhe, ei que sou um filho do século, um filho da incredulidade e da dúvida, e é muito provável que o seja até o fim. A aspiração da fé, quanto me tem torturado e me tortura, ainda e mais lenho provas do contrário, mais ela me faz sofrer". Nunca confessou mais claramente: aspira à fé por falta de fé. É isso uma dessas admiráveis permutações de calor em Dostoiévski. Como não crê e conhece o tormento da incredulidade, como, segundo a sua própria expressão, não ama a dor para si mesmo e tem piedade dos seus semelhantes, prega para esses a fé em um Deus em que não acredita. Aquela que Deus atormenta, quer uma humanidade feita por Deus, aquele que sofre por não ter crente, quer crentes felizes. Crucificado pela sua incredulidade, prega a ortodoxia ao seu povo. Violenta o seu conhecimento, porque sabe que ele o dilacera e consome. Prega a mentira que faz a felicidade, a fé estrita do carvoeiro. Ele, que não tem um átomo de fé, que se insurge contra Deus, que, como di-lo, com orgulho, proclamam o ateísmo com um rigor desconhecido até então na Europa, exige a submissão do sacerdote. Para preservar os homens do tormento de Deus, penetron-o até à morte. É o anunciador do amor de Deus. Porque, segundo a sua própria palavra, "a obrigação, a inquietude da fé são um tal suplicio para o homem consciencioso que é melhor enforcar-se". Não o eutou e aceitou a dúvida como verdadeira, mas que preservar a humanidade tão ternamente amada. Como o Grande Inquisidor, quer poupar à humanidade o tormento da liberdade de consciência, e embala-la ao ritmo da autoridade defunta. Em vez de proclamar orgulhosamente a verdade de sua ciência, cria a humildade mentira de uma fé. Faz passar o problema do plano religioso para o plano nacional, onde o envolve de fanatismo. Como o mais fiel dos seus servidores, à pergunta: "Crê em Deus?", responderá pela confusão mais sincera de sua vida: "Credo na Rússia!" A Rússia é, com efeito, o seu refúgio a sua salvação. Nesse ponto nada mais de dualidade, sua palavra torna-se um dogma. Deus calou-se em sua presença. Criará, portanto, um intermédio entre sua consciência e ele, um Cristo, o anunciador da humanidade nova, o Cristo russo. Sua imensa vontade de crer impõe-o da realidade para o indeterminado. Porque ele, que não conhece a medida, se consagraria ao indeterminado

e ao limitado; a essa ideia da Rússia que enche com a imensidade de sua fé. Novo São João, anuncia esse outro Messias sem tê-lo contemplado, mas é em seu nome, em nome da Rússia, que se agita ao mundo. Esses escritos messiânicos, (seus artigos políticos, e as numerosas tiradas inflamadas dos "Os irmãos Karamazov") são obscuros. Essa nova face do Cristo, essa nova ideia de redenção e de reconciliação universal, aparecem aí indistintas, face bisulada de traços duros, de rugos profundas. Seus olhos fixos, estranhos, teapassam-nos, cheios de fervor infinito e de dureza odienta. Dostoiévski é torrenal quando anuncia essa mensagem, como a pagão que já perderam a esperança. O político, o fanático, ergue-se em face de nós, tal como um frade da idade média, mas é fanático, brandindo a cruz bisantina. Não expõe a sua doutrina pacificamente em sermões; proclama a em êxtase de delírio, de loucura mística, em acessos de cólera demenciais. Abate as objeções a golpes de clava. Frente de febre, cingido em seu orgulho, fulgurante de ódio, escala o pulpiço do mundo; e, a boca espumante, as mãos trêmulas, lança a exortismo sobre nós.

Como um teocrata furioso, ataca-se a todos os santuários da civilização europeia. Todos os nossos ideais, pisão-os para abrir caminho para o seu ideal, para o seu Cristo russo. Sua intolerância moscovita atinge ao delírio: a Europa é apenas um cemitério, de tumulhas fúteis, preciosas, mas transbordante de podridão infecta. Nem mesmo é um estorço para colheita futura, porque essa só pode desabrochar na terra russo. Os franceses, vaidosos e ridiculizados, os alemães, um povo de subscretores vulgares, os ingleses, lojistas do racionalismo; os judeus, orgulhosos e fétidos; o catolicismo, uma doutrina diabólica, uma derrota de Cristo; o protestantismo, uma religião de estado racionalista, caricatura da única verdadeira religião, da Igreja russa. O papa é Satanás, usando a liara; de nossas cidades, Babilônia é

a grande prostituta do Apocalipse; nossa ciência, uma delusão; a democracia, a sacção de cérebros enfraquecidos; a revolução, uma explosão de doidos e de enganados; o pacifismo, tagarelateira de mulheres velhas; todas as ideias da Europa, um ramo de flores murcadas, bom para jogar-se na fogueira. Tal como um Amoh, aferra-se para a frente e estira o panhal no peito de quem lhe resiste. "Nós nos compreendemos, mas nós não nos compreendemos". É toda discussão delem-se no sangue. "Nós, os russos, compreendemos tudo, nós é que somos errados", declara. Só na Rússia tudo está bem, e tanto melhor que o mundo europeu asiático, tortura, é converter, reconstruir, chamado a toda progresso, intelectual e bisantina. Abandona-se à sua mania de europeu. "Sejam os asiáticos, viram-se as costas à São Petersburgo europeia, voltamos a Moscou, vamos para a Sibéria, a nova Rússia será o terceiro redorado".

Esse frade da idade média, embragado pelo seu drin, não tolera a discussão. Abate a razão! A Rússia é um dogma que é preciso reconhecer cegamente. "Não se compreende a Rússia com a razão e sim com a fé". Quem não se ajoelha diante dela é o inimigo do Anticristo. Paríamos em cruzada contra ele. E sua a sua fúria de guerra. É preciso que a Austria seja esmagada, que seja arrancado de Santa Sofia à Constantinopla, que a Alemanha seja humilhada a glaterra vencida. Um imperialismo de um orgulho incensável dissimula-se sob o hábito religioso e gráto: "Deus o quer". Para a maior glória de Deus, o mundo inteiro permanecerá a Rússia. A Rússia é o Cristo, o novo redentor, e não somos os pagãos, os réprobos a que nada salvará do purgatório. Catequemos o pecado original de nós mesmos Russos. No nosso mundo não há lugar para o Terceiro Reinado. É preciso, primeiro, que o nosso mundo europeu seja tragado pelo inferno russo universal, por esse novo império de Deus, para que obtenha a sua redenção. Diz ele



Uma interessante fotografia: o autor com o seu cachorro





# DE DEUS -- STEFAN ZWEIG

ratamente: "Antes de tudo, é possível que todo homem se torne russo". Só então começará o novo mundo. A Rússia é a nação que traz Deus em si. É necessário que ela conquiste o mundo com a espada, para poder dizer à humanidade "sua última palavra". É essa palavra, para Dostoiévski, a reconciliação. O gênio russo afirmava-se-lhe a faculdade de tudo compreender, de resolver todas as contradições. Compreendendo tudo, o russo é o ser indulgente por excelência. Seu estado, o estado futuro, será a terra, a comunhão fraternal, a penetração recíproca, em vez da subordinação.

acredita-se ouvir um prólogo dos acontecimentos dessa guerra. Aquele, a princípio, lembra tanto as suas ideias, e no fim de Tolstói quando exclama: "Sejamos os primeiros a anunciar ao mundo que não queremos obter a nossa prosperidade pela opressão da personalidade e das nacionalidades estrangeiras, e que, ao contrário, só a isso vivamos, pela união fraternal e o desenvolvimento absoluto. Nire e pessoal de todas as nacionalidades". Lenin e Trotski são anunciadores dessa profecia, mas também a guerra, que ele, o eterno adversário de todos os antagonismos, celebrou tão apaixonadamente. A reconciliação universal é o fim, mas a Rússia é o único caminho, "porque é a terra que se cria o mundo". A luz eterna levantará sobre os montes Urais e não serão nem o espírito cultivado, nem a civilização que darão a redenção ao universo, mas o povo humilde das forças obscuras estão a lutar nos mistérios da terra. O amor substituirá o poder, o sentimento da humanidade conquistará as lutas das pessoas, o Cristo russo trará a reconciliação geral, o desaparecimento dos antagonismos. O flare poderá no lado do carneiro. O espírito no lado do leão — a voz de Dostoiévski trema quando fala do Terceiro Reinado — do messianismo mundial: ele mesmo trema no êxtase da fé. Ele que conhece toda a realidade é o aniquilador no seu sonho messianista.

Dostoiévski introduz esse sonho digno de Cristo, na palavra, na ideia da Rússia. Aí por essa ideia da reconciliação dos

antagonismos que durante sessenta anos prosseguiu na sua vida, na literatura, em Deus mesmo. Mas que é a Rússia? Rússia? Rússia real ou mística, política ou profética? Dostoiévski não as dissocia. E' inútil procurar a lógica em um exaltado, de pedir-lhe o fundamento de um dogma. Nos escritos messiânicos de Dostoiévski, como nos seus trabalhos políticos e literários, as ideias dançam uma verdadeira sarabanda. A Rússia é às vezes o Cristo, às vezes Deus, às vezes o Império de Pedro o Grande. E' ainda a Rússia Nova, a união do espírito e do poder, a terra e a coroa imperial. Sua capital é às vezes Moscou, às vezes Constantinopla, às vezes a Jerusalém nova. Os ideais mais humanos e mais humildes alter-

nam com a sede do poder e da conquista naziista; horrores políticos de uma segurança absoluta com profecias apocalípticas fenomenais. As vezes rebata a ideia da Rússia às curvas vistas da política do momento, às vezes profeta-a ao infinito. E' como nos seus romances uma mistura de água e fogo, de realismo e de fanatismo. Ao que há nele de demoníaco, ao seu exaspero forçado, seus romances impõem uma certa medida: é a presa de um delírio pítico. Com toda a ferocidade de sua paixão, prega que a Rússia é a salvação do mundo, que só por ela se verá salvo. Nunca uma ideia nacional foi transformada em ideia universal e anunciada à Europa com tanto gênio, orgulho, prestígio, redução, embriaguez e êxtase, que a ideia russa nos livros de Dostoiévski. Esse fanatismo de sua raça, esse ídolo cético, impiedoso, esse panfletário arrogante, esse crente insuportável, parece-nos, à primeira vista, uma excessiva heterogeneidade do nosso grande homem. Ora, para a própria unidade do caráter de Dostoiévski, isso era indispensável. Cada vez que um homem é incompreensível nele, é-nos preciso recorrer à antinomia; não esqueçamos nunca que Dostoiévski é ao mesmo tempo, a afirmação e a negação, que ele destrói o "eu" e o exagera, exasperando todos os contrastes. Sua arrogância exasperada não é sendo a representação de uma humildade excessiva; seu sentimento nacional

desbordante opõe-se à exacerbação do sentimento do seu nada. Divide-se em duas partes: humildade e nobreza; nos últimos volumes de sua obra não há uma palavra de vaidade, de orgulho, de fanatismo; sempre se abate, acusa-se, manifesta seu desprezo por si mesmo, derrota-o para a sua raça, no ídolo do seu povo. Tudo o que há de importância para ele só, destrói-o sem demora; tudo o que se dirige ao que há de impossível, de russo, de geralmente humano nele, eleva-o às nuvens. O fanatismo muda-se em pregador, o exasperador de si próprio em anunciador da nação e da humanidade. Mesmo no ideal continua o martir, que se crucifica a si mesmo para a salvação da ideia.

Eis o seu segredo: chegar à fecundação pela antítese, elevá-la ao infinito para que ela abraça o mundo inteiro, servir-se da força que dela trará para edificar o futuro. Os outros escritores criam geralmente o seu ideal, alargando o seu "eu", formando-se, purificando-se, idealizando-se, considerando o homem futuro feito à sua imagem transfigurada. Dostoiévski, o homem dos contrastes, cria o seu ideal, seu Deus pela antítese; será a argila com que se amassará a forma nova, o negativo ao qual corresponderá a imagem positiva. A sua profundidade corresponderá a uma altura, à sua divisão uma fé, a sua dilaceração a unidade. "Pudesse eu morrer, contando que os outros fossem felizes". Essa palavra de Zossima, realizada em seu espírito, aniquila-se para resuscitar no homem futuro.

Seu ideal será portanto: ser diferente de si, sentir como não sente, pensar como não pensa, viver como não vive. Trago por trago, até o mais ínfimo detalhe, o homem novo está em oposição com a individualidade de Dostoiévski; a mínima sombra do seu próprio ser multa-se em claridade; tudo o que é obscuro repulsa. O não transformar-se em si, o elemento passional em humanidade nova. Essa condenação inaudita do seu "eu" em proveito do seu futuro, persegue-o até em seu corpo; é o aniquilamento do indivíduo em proveito do ser universal. Comparemos o seu re-

trato, a sua máscara mortuária, com os retratos dos seres que formou em seu ideal, a Aliocha Karamazov, ao estorato Zossima, ao príncipe Muchhine, aos seus três esboços de um Cristo russo, dum salvador. O mínimo traço fará contraste com o seu. O rosto de Dostoiévski é sombrio, cheio de sombra e de mistério. A fisionomia daqueles é serena, pacífica, franca. Sua voz é rouca, áspera; a deles doce, baixa. Seus cabelos são escuros, emaranhados; seus olhos profundos, inquietos; o rosto deles é claro, rodeado de cabelos louros, o olhar calmo e brilhante. Diz em termos próprios que eles olham para frente e que os seus olhos tem o encanto sorridente dos olhos de criança. O ritmo profundo do paizão e do sarcasmo envolve os seus lábios que ignoram a fúria; Aliocha, Zossima fazem brilhar sobre os seus lábios o sorriso desembaraçado do homem seguro de si. Trago por trago, o seu negativo opõe-se assim à imagem nova. Sua fisionomia é a de um homem acorreato, a de um escravo de todas as paixões, de um ser esmagado pelos seus pensamentos; a deles exprime a liberdade vibrando sem estorvos. Ele é o dilaceramento, a dualidade; eles, a harmonia, a unidade. Ele é o indivíduo, o indivíduo de seu "eu"; eles, são cidadãos do mundo, confundindo-se com Deus.

Nunca um ideal intelectual e moral tão completo quanto esse tinha nascido da sua própria destruição. Dostoiévski parece abrir-se as veias por pintar com o seu sangue o retrato do homem futuro. Ele é o paizão, a crise, o salto do tigre. Seu entusiasmo é um clarão saído de uma explosão dos sentidos ou dos nervos; eles, a flama casta e doce, mas em constante movimento. Tem essa tenacidade silenciosa que vai mais longe que os pulsos furiosos do êxtase; eles possuem a verdadeira humildade que não recela o ridículo; não são mortificadas, ultrajadas, contrariadas, deformadas. São capazes de falar com qualquer pessoa e a sua presença tranqüiliza; não tem aquela angústia histórica de ofensa e de serem ofendidos; não lançam, a cada passo, um olhar interrogador em volta de si. Deus não os atormenta mais, acalma-os. Sabem tudo e por

consequente compreendem tudo; não julgam, não julgam. Creem a não julgar. Para ele, o eterno agitado, essa vida tranqüila, purificada, é a forma suprema da vida; seu ideal supremo é a unidade, a submissão. Seu tormento de Deus tornou-se alegria de Deus. Sua dúvida, sua certeza; sua história, sua saúde; seu sofrimento, sua felicidade que abraça o universo.

A deusa suprema da existência, que Dostoiévski nunca conheceu e que deseja aos homens, é um coração infantil e ingênuo, uma serenidade doce e natural.

Seus personagens preferidos, vejamos como andam; tem um sorriso ameno sobre os lábios, sabem tudo sem terem nada; o mistério da vida não se lhes apresenta como um baranco ardente. E' o azul do céu que os envolve. Venceram os inimigos encarniçados da vida, da dor e do medo; em troca a fraternidade infinita das coisas deu-lhes a piedade. Libertaram-se do seu "eu". A felicidade suprema dos mortais é a impossibilidade. E' assim que o maior dos individualistas transforma a sabedoria de Goethe numa nova fé.

A história do espírito humano não conhece nenhum outro exemplo do aniquilamento do "eu" moral, da criação fecunda do ideal pelo contraste. Dostoiévski crucificou-se a si mesmo; martirizou a sua ciência para que ela traga o testemunho de sua fé em Deus; seu corpo, para que, graças à arte, encontre o homem novo; sua originalidade, em proveito da generalidade. Quer sobressair para que surta uma humanidade de melhor e mais feliz. Aceita para si todos os males, afim de facilitar a felicidade dos outros. Depois de haver, durante setenta anos, suportado a dolorosa tensão de sua dualidade, depois de haver investigado todas as profundidades do seu ser para aí encontrar Deus e o sentido da vida, repele todo esse amontoado de conhecimento para tr a uma humanidade nova, a qual confia o seu mais profundo segredo, sua fórmula última e inesquecível: "É preciso amar mais a vida, ao sentido da vida".

(Do "DOSTOIÉVSKI")

## STEFAN ZWEIG, NA APRECIACÃO DE ROMAIN ROLLAND -- (Prefácio do Amok)

"E' para mim um dever fraternal apresentar Stefan Zweig ao público francês. A bem dizer eu já o havia feito, no meu livro de guerra — de paz, durante a guerra — "Os precursadores", a propósito do seu belo drama "Jeremias", símbolo da tragédia eterna da humanidade, a crucificação dos profetas que querem salvá-la. "Vox clamantis in deserto".

O que importa é que a França não esqueça tudo o que Stefan Zweig fez por ela, por sua arte: o tradutor e crítico perfeito que levou à Alemanha os poemas de Beaudelaire, Rimbaud, Sôma, Marceline Desbordes-Valmore, a obra inteira de Verhaeren, que lhe deu o seu esplendor em toda a Europa Central, o companheiro, durante a guerra, do autor de "Jean Christophe" e de "Clerambault", aquele em quem se encarnou, nos dias mais sombrios da tormenta europeia, quando tudo parecia destruído, a fé inabalável na comunidade intelectual da Eu-

ropa, a grande Amizade do Espírito que não conhece fronteiras. Mas, Stefan Zweig não é daqueles homens de letras que foram levados às alturas apenas pelas vagas da guerra e pelo esforço desesperado de reação contra ela. E' o artista nato, em quem a atividade criadora é independente da guerra e da paz e de todas as condições exteriores, aquele que existe para criar. O poeta, o sentido goethiano. Aquele para quem a vida é a substância da arte, e a arte olhar que penetra no coração da vida. Não depende de nada e nada lhe é estranho; nenhuma expressão de arte, nenhuma forma de vida.

Poeta, e já ilustre desde a adolescência; ensaísta, crítico dramático, romancista, tocou todas as cordas como mestre. O traço mais marcante de sua personalidade de artista é a paixão de conhecer, a curiosidade sem medida e jamais abastada, este demônio de ver, de saber e de viver todas as vi-

das, que fez dele um "Fliegen-der Holländer", um peregrino apaixonado, e sempre em viagem, percorrendo todos os campos da civilização, observando e anotando, escrevendo suas obras, as mais íntimas, nos hotéis de pouso, devorando todos os livros de todos os países, recolhendo autógrafos que colecionou em sua bela vivenda sobre a colina abrupta que domina a cidade de Mozart, uma coleção magnífica — na sua febre de descobrir o segredo dos grandes homens, grandes paixões, das grandes erações, o que toca ao público, o que eles não confessaram, o indiscreto amoroso e piedoso de gênio, que penetra no mistério afim de melhor amá-lo, o poeta armado da chave temerosa do dr. Freud, de quem foi admirador e o amigo da primeira hora e a quem dedicou o seu maior livro de crítica: "O combate com o Demônio" — o caçador de almas. Mas aquelas que ele domina, ele as domina vivas, ele não as mata. A passos

cautelosos, ele erra na orla dos bosques; e, manuseando um belo livro, ele escuta, ele contempla o coração que bate, os ruídos das asas, os ramos que estremecem, o pássaro que volta ao ninho e ao terreiro; e sua vida é identificada à vida da floresta...

Diz-se que a simpatia é a chave do conhecimento. Isto é a verdade para Zweig. E' verdade, também, o contrário: que o conhecimento é a chave da simpatia. Ele ama pela inteligência. Compreende pelo coração. E os dois sentimentos juntos fazem com que em Zweig, tal como em uma das personagens de uma novela que se vai ler, a ardente curiosidade psicológica tenha todos os caracteres da "paixão carnal".

Pode-se confessar, sem muitos riscos de engano, que esta preocupação surda, este desejo a um tempo voluptuoso e angustioso, é o motivo central,



Uma caricatura do grande escritor austriaco

a razão essencial da escolha que preside seus livros mais importantes de ensaios ou de novelas, em particular este, cuja introdução eu faço. Novembro, 1934."

# Pequena novela de Verão

(Continuação da pág. 105)

STEFAN ZWEIG

terrible violência de cólera, tortura, desespero e amargura dor que eu soube Deus até onde, arremessei dentro de sua vida".

Ele permaneceu calado. Conosco avançava a noite e da lua encoberta pelas nuvens emanava uma luz de especial brilho. Fálscas e estrelas pareciam suspensas entre as árvores e a superfície pálida do lago. Em silêncio continuamos a andar. Finalmente o meu companheiro interrompeu o silêncio e disse: "Esta foi a história. Não seria uma novela?" "Não sei. Em todo caso uma história que com as outras quero conservar, e pela qual já lhe devo ser grato. Mas uma novela? Talvez uma bela introdução que me poderia seduzir, pois essas criaturas apenas se rogam, umas às outras, não se possuem inteiramente, são filhos de destinos porém não são destinos. Dever-se-ia compô-la até o fim".

"Compreendo o que o senhor pensa. A vida da jovem, o regresso para a cidadezinha, o terrível trágico da vida cotidiana..." "Não, não tem isto. A jovem não continua a interessar-se. As memórias são sempre sem interesse, por mais dignas de nota que elas se acreditem, porque os seus acontecimentos completos são somente negativos e por isto densamente semelhantes. A menina neste caso desapa, quando chega a sua vez, o burguês honesto da sua terra e este fato fica sendo a folha verde de suas recordações. A menina não continua a interessar-lhe".

"Isto é curioso. Não sei o que o senhor pode achar na jovem. Tais almas, este fogo passageiro, toda jovem capta em sua juventude, a maior parte não as percebe e a outra espacia-se depressa. É necessário que envelheçamos para sabermos que precisamente isto é talvez o que de mais nobre e de mais profundo se recebe e é a prerrogativa mais sagrada da juventude".

"Também não é o jovem que desperta o meu interesse..."

"Porquê?"

"Eu remodelaria o cavaleiro que está envelhecendo, o autor das cartas, eu escreveria sua história até o fim. Creio que em idade alguma uma pessoa escreve impetivamente cartas ardentes, introduz-se em fantasia nos sentimentos dum amor. Eu procuraria apresentar como a brindeadora se transforma em coisa séria, como ele acredita dominar a brincadeira, quando esta já o domina. A beleza nascente da menina e que ele julga ver apenas como observador encanta-o e empolga o mais profundamente. E o instante em que, de repente, tudo lhe escapa, produz-lhe uma violenta saudade da brincadeira e do brindeado."

A mim me encantaria aquela mudança no amor, que deve tornar muito semelhante a paixão do velho à do menino, porque ambos não se sentem com valor bem completo, em dar-lhe a mão e a expectativa. Eu fá-lo-la tornar-se errante, perseguir-lhe para vê-la e, contudo, no último momento, não atrever-se a aproximá-la de si, fá-lo-la voltar ao mesmo lugar na esperança de tornar a vê-la, para facilitar o acaso que então é sempre cruel. Eu imaginaria a novela neste sentido e ela então seria...!!

"Mentiroso, falso, impossível!"

Esqueci-me. A voz introduziu-se áspere, roucamente tremula e quase amargosa nas minhas palavras. Nunca vira no meu companheiro tal excitação. Com a rapidez dum raio adivisei onde eu irrefletidamente tinha tocado. E, quando ele tão precipitadamente parou, vi com tristeza brilhar-se seus cabelos brancos.

Quis mudar rapidamente de rumo. Mas então ele começou a falar de novo, e agora todo cordil, sereno e suave, com sua voz pausada e grave, que apresentava um belo timbre de leve melancolia: "Ou o senhor talvez tenha razão. É muito mais interessante: 'L'annour coute cher aux vieillards'. Assim, creio eu, entitular Balthazar uma das suas comovedoras histórias e muitas ainda se poderiam escrever com este título. Mas as pessoas velhas, que disto sabem o que há de mais íntimo, somente narram os seus bons êxitos e não as suas fraquezas. Têm um ser ridículo em coisas que de algum modo somente são o movimento pendular do que é eterno. Creio o senhor que foi apenas um acaso o fato de terem-se perdido precisamente aqueles capítulos das memórias de Casanova, em que se trata da sua velhice, em que se inventaram os papéis e ele, em vez de enganar, passou a ser enganado? Talvez apenas a mão se tornou demasiadamente pesada e o coração muito apertado".

Ele estendeu-me a mão. A sua voz estava outra vez inteiramente serena, calma e impressiva. "Boa noite! Vejo que é perigoso narrar histórias a moços em noite de verão. Isto gera facilmente pensamentos insensatos e toda sorte de sonhos inúteis. Boa noite!" E ele, com seus passos elásticos, mas já retardados pelos anos, voltou para o escuro. Já era tarde. Mas a fadiga, que de ordinário, devido ao calor das noites moles, me acometia cedo, nesse dia estava dispersada pela excitação que ferve no sangue, quando a alguém sucede uma coisa singular ou quando se experimenta por um instante o que é de outrora. Por isto seguí ao longo do caminho calmo e escuro até à Vila Carlota, que desce com escada de mármore para o lago, e sentei-me nos degraus quentes. A noite estava maravilhosa. As luzes de Belágio, que antes brilhavam quase como vagalumes entre as árvores, pareciam então imensamente distantes sobre a água e pouco a pouco iam desaparecendo, uma após outra, na intensa obscuridade. O lago, lúcido como uma pedra preciosa negra e, apesar disso, com brilho confuso nas suas arestas, jazia silen-

Quando Wilhelm von Humboldt chamou esta cidade a cidade mais bonita do mundo, conheceu-a somente pela melodia, porque para a geração de antes do século da eletricidade a beleza de uma grande cidade terminava com o dia. A noite, todas elas, Paris e Londres, mergulhavam-se num pateto lácteo-verde de escuridão, nas quais as lanternas misteriosas reluziam como vagalumes, e somente de quando em quando a luz do balcão os telhados com seu brilho pálido. Porém, que sabiam eles, os nossos antepassados, da magnificência da luz, que faz durante a noite brilhar as pedras como cor transparentes, que sabiam eles do jogo das luzes e cores, no qual acordam, agora as nossas cidades, quando nos detinhamos para descansar? E poucas cidades, apenas Nova York, podem ser comparadas com o Rio de Janeiro durante o noite.

O melhor tempo e lugar para compararmos estas esplendores é à hora do crepúsculo, na Pão de Açúcar. Tomando um pequeno bonde aéreo, vai-se até o outeiro da Uruca e de lá, num vão fugiente, até o corralha vem chegando a noite, vibrando com suas luzes, porém, ainda não encruando completamente. Descer com uma transmissão apenas sensual, anote-se: a luz torna-se, pouco a pouco, mais brava, as cores frentem a força luminosa; é como se uma boca invisível bafejasse o espetáculo do céu, e a melodia que as cores empolpeceem, o perfume, esta evocação misteriosa das regiões tropicais, torna-se mais forte. Não é que cheguem realmente, apenas a refletir-se torna mais intenso, mais forte, e cada vez mais pálidos aparecem os alicerces ao longe; as casas refletem quase apasadas, como se o vermelho e o brilho claro trocasses sido sugados por lábios vampiros.

De repente, vê-se uma espécie de relâmpago numa estreiteza do boné gigantesco, e, de uma só vez, acordam-se todas as lâmpadas ao longo do mar. Uma serpente de luzes, estende-se nos infinitos, espalha-se ao longo de todas as voltas e desenha vivamente as contornos geográficos da costa, num trajeto de milhas e milhas, como uma só faixa de fogo; na extremidade a serpente leva — como na lenda, a coroa de caribúnculos — a grinalda de luz da cidade. Essa corrente arrojada de lâmpadas, esse calor de chispas e fogo, cerca rigidamente toda a cidade, porém, olhe! — e isto é um encanto particular — repete-se mais uma vez no reflexo do mar. Aqui não é rígido; nas linhas desse color de tremula e corre com o vai-vem das ondas; poucas coisas têm



Stefan Zweig num expressivo desenho

isto comparáveis a essa duplicidade. É a melodia que a luz agora ilumina toda a cidade, a escuridão aprofunda-se nas montanhas e na água. Não há palavras capazes de descrever essa negritão trópica que a noite produz aqui e uma obscuridade de que inspira, que evoca uma negritão macia como o veludo e ao mesmo tempo muitas no profundo; e sobre a noite primordial camuflam agora as luzes das torres sobre a água, as bóias relampejam luzes verdes e encarnadas, e cada luz se repete e se reflete mais uma vez e é, não obstante, um nada na gigantesco da noite imensa. Sempre de novo os olhos erram sobre esse espelho mágico no qual se refletem, delicadamente e com alguma indecisão, as estrelas que começam a despetar, e quando, agora, virado este espetáculo, o olhar se volta ao mar para as montanhas, a noroeste aparece de novo. No alto do Corcovado brilha a cruz iluminada; a própria cruz não é percebida no meio da noite metálica; somente se vê a tração da Cruz Redentora! Parece estar suspensa no vazio, caindo do céu a multissimos metros de distância. Essa estela é mais que uma obra terrestre, que de longe ainda os navegantes, mais brilhante que um farol, o emblema verdoso do Rio de Janeiro. É difícil adivinhar quando as janelas do quarto de dormir dão para o mar, porque vemos sempre a vontade de chegar à socada afim de gravarmos bem no fundo do coração as linhas desse color de tremula e corre com o vai-vem das ondas; poucas coisas têm

hora em hora parece andar com mais intensidade, a melodia das distâncias caminha na escuridão. É um espetáculo sem igual, irresistível e inesquecível.

(Da Pequena Viagem ao Brasil. Encontros com Homens, Livros e Países. — Tradução de Milton Araújo — Editora Guandara — Rio, 1938).

## Mundos diversos, vidas diversas...

STEFAN ZWEIG

Com frequência acontecem-me que quando irrefletidamente digo: "Minha vida", sem querer pergunto a mim mesmo: "qual das tuas vidas?". A vida anterior à Grande Guerra, a anterior à primeira ou a anterior à segunda grande guerra, ou a vida de hoje? Outras vezes surpreendo-me a dizer "minha casa" e imediatamente não sei de qual delas quis falar, se ca em Bath ou da rua Salzburgo ou da casa paterna em Viena. Ou percebo que dir-se "em nossa terra", e exposto todo tenho de me lembrar de que para os seres humanos da minha pátria há muito tempo tão pouco pertencem a ela como para os ingleses ou norte-americanos pertencem aos seus países. Tenho de me lembrar de que à terra onde nasci, já não me acho organicamente preso e nestas outras nações nunca estive inteiramente incorporado. O mundo em que nasci, o de hoje, e o que existiu entre ambos, cada vez mais se separam, para o meu sentimento, em mundos inteiramente diversos. Toda vez que em conversas narrar a amigos mais moços episódios da época anterior à primeira grande guerra, noto em suas perguntas admirativas grande coisa que, para mim ainda é realidade evidente, para eles já se tornou histórica ou imaginável. Um segredo instintivo em mim dá-lhes razão: entre o nosso hoje, o nosso ontem e o nosso ante-ontem destruíram-se todas as pontes. Eu próprio não posso deixar de admirar-me da copia da multiplicidade de vicissitudes pelas quais passamos no curto espaço de uma existência, sem dúvida, extremamente incômoda e exposta a perigos, ainda mais me admira quando do comparo essa com a de meus antepassados.

cioso. Como mãos brancas em teclas claras, as ondas chapinhantes em leve turbilhão tocavam os degraus num e noutro sentido. A pálida vastidão do céu parecia infinitamente alta, na qual havia a cintilação dos milhares de estrelas. Elas ali se achiavam inteiramente quietas em cintilante silêncio; só às vezes uma delas, de repente, se separava do cortejo diamantino e se precipitava na noite de verão, sem saber para onde ia, nas trevas, nos vales, nas gargantas, nos montes ou nas águas distantes, arremessadas por uma força cega, tal qual uma vida na profundidade abrupta dos destinos desconhecidos.

(De SEGREDO DE AMOR).



# A última declaração de Stefan Zweig Uma opinião de Vitor Viana — O poder da arte

## Declaração

Ich, ich also freies Willen mit klarem Sinn  
aus dem Leben schied, drängt es mich eine letzte Pflicht  
zu erfüllen: diesem wunderbaren Lande, Brasilien  
in dem ich danken, das mir nach meiner Arbeit so gute  
und gastliche Gast- gegeben. Mit jedem Tage habe ich das  
Land mehr lieben gelernt und nirgends habe ich mir  
mehr Leben leben vom Grunde aus aus aufgeführt,  
nachdem die Welt meiner eigenen Sprache für mich  
übergegangen ist und alle meine geistige Heimat Europa  
sich selber vernichtet.

Aber nach dem sechzigsten Jahre bedürfte es besonderen  
Kräfte um noch einmal völlig neu zu beginnen. Und  
die waren sind durch die ~~letzten~~ letzten Jahre kumul-  
losen Wanderns erschöpft. So habe ich so für, besser,  
rechtzeitig und in aufrechter Haltung ein Leben abzu-  
schließen, dem geistige Arbeit immer die leibliche Freude  
und persönliche Freiheit das höchste Gut dieser Erde  
gewesen.

Ich grüße alle meine Freunde! Mögen sie die Erinner-  
nisse noch sehen nach der langen Nacht! Ich, alle  
Liebenden, gelebe ihnen voraus.

Stefan Zweig

Petropolis 22. II 1942

"Ex-simile" do documento em que Stefan Zweig se despediu dos amigos, para suicidar-se em Petropolis.

"Vou me deixar a vida por mi-  
nha própria conta, quero cum-  
prir o meu último dever, aqui o  
de adeus, profundamente a  
este país maravilhoso, o Brasil, que  
foi para mim a minha acolhida. Cada  
dia que aqui passei, mais amava  
este maravilhoso país e em nenhum  
momento, além dele, poderia ter a  
esperança de refugio a minha vida.  
Desde que eu vi o país da minha

própria língua reconhecendo a mi-  
nha pátria espiritual — a Euro-  
pa — desiludido a si próprio,  
e quando alcanço 60 anos de ida-  
de, sei que necessariamente estarei  
incapaz para reconstruir a minha  
vida, e minha existência está enor-  
tada pelos longos anos de pere-  
grinação como um sem pátria.  
Assim julgo melhor terminar a  
tempo uma vida que dediquei es-

clusivamente ao trabalho espiri-  
tual, considerando a liberdade hu-  
mana e a minha própria como o  
maior bem da terra. Deixo um  
adeus afetuosos a todos os meus  
amigos.

Desajo que eles possam ver,  
afindo, a aurora que virá depois  
desta longa noite. Eu, impacien-  
te demais, vou antes disso".

Maria Stuart, de Stefan Zweig, está nas vitrines das livra-  
rias do mundo inteiro e de todas as linguas. Esse êxito mostra  
e prova da arte. E prova como esse poder sabe dar abundância  
ao passado esquecido e novidades aos temas velhos.

Maria Stuart bem merece a literatura que teve. Hume, Chal-  
mer, Skelton, Stevenson, Fleming Stoddart tiveram fraquezas  
dignas do esplendor de impeto e de cálculo, de natural e de ar-  
tificial. De um misto de grandezza e decadência.

Dargaud e Miquet fizeram em francês estudos maravilhosos  
de estilo, que alcançaram êxito nos meandros do século passado.  
Walter Scott, Alexandre Dumas, Alfieri, e, acima de tudo,  
Schiller fizera ma proposta ou dedicaram parte de livros céle-  
bres. Professores de literatura alemã, pelo menos até 1931, exa-  
minavam meses inteiros as passagens mais lindas da Tragédia  
de Schiller.

Entretanto, o estilo de Zweig deu graça nova e novo inter-  
esse a esse tema vibrante já tão geralmente explorado.

Zweig é desigual na sua grandezza. No tom enfático de suas  
frases há menos conceitos inéditos do que trivialidades bombas-  
ticas. Na variedade de suas imagens há menos originalidade do  
que aproveitamentos e "arregios". Mas a sua força de sugestão  
está na capacidade de, pela abundância pomposa dos pormenores,  
pela reunião mais possível de objetos em qualquer descrição,  
pela procura do termo próprio contra a expressão genérica, pelo  
impeto com que sabe enumerar predicados, utensílios e coisas  
de outros tempos, criar uma linguagem quente, entusiasmada e  
às vezes colada na sua imponência. Esse poder faz com que pes-  
soas que não temem a história de Escossia, da Inglaterra  
e da Europa, da evolução dos costumes e da arte, estejam lendo,  
em todos os países, essas páginas, que não dizem nada de  
novo nos que já conhecem os livros que citel, mas que encantam,  
prendem e empolga a todos, a uns porque evocam com pompa  
episódios familiares, a outros porque sabem dar fulgor e vida  
a uma narração de que outras formas não lhes poderiam des-  
pertar interesse...

(Do "Jornal do Comercio").



Uma fotografia de Stefan Zweig, em companhia da esposa, feita  
por ocasião de sua última chegada ao Brasil.



Stefan Zweig, em seu leito de morte, abraçado com a esposa, que com ele se suicidou.



Bluchy, o cão de Stefan Zweig

# As mãos do jogador - Stefan Zweig

Mas, cada mão nova que aparecia à mesa do jogo, era para mim um acontecimento e uma curiosidade nova. Muitas vezes me esquecia de olhar para o rosto correspondente, que, dominado o colorido, ficava plantado ali, imóvel como uma fada mística mudando por cima de uma camisa de "smoking" ou de um decote deslumbrante.

Naquela noite, tendo entrado para o Casino, depois de ter passado por diante de duas mesas mais que abarrotadas e terminadas aproximadamente de uma terceira, no momento em que preparava já algumas moedas de ouro, ouvi, com surpresa, naquele instante de pausa completamente muda, cheia de tensão e durante a qual o silêncio parece vibrar, pausa que se dá quando a bola já prestes a imobilizar-se não oscila mais ainda entre dois números, ouvi, como já disse, de frente de mim, um barulho singular, um rangido e um estalo, como proveniente de articulações que se quebram. Sem querer, olhei espantada para o lado oposto do tapete. L vi ali (na verdade fiquei assustada) duas mãos como eu nunca tinha visto, uma mão direita e uma mão esquerda agarradas uma à outra, como dois animais que se mordem, que se apertam e lutam perigosamente, de um modo tão rude e tão convulso, que as articulações das falanges estalavam com o ruído seco de uma noz que se parte.

Erão duas mãos de uma beleza muito rara, extraordinariamente longas, extraordinariamente delgadas e não obstante feitas de músculos extremamente rígidos, umas mãos muito brancas que terminavam por unhas pálidas nacaradas e arredondadas. Olhei para elas durante toda a "série", olhei-as com uma surpresa cada vez maior, aquelas mãos extraordinárias, verdadeiramente únicas. Mas o que logo me surpreendeu, de um modo aterrador, foi a sua febre, a expressão loucamente apaixonada, aquele modo convulso de se torcerem e de lutar entre si. Trabalhava-se ali, compreendi logo, de um homem exuberante de força, que concentrava toda a sua paixão na extremidade dos seus dedos, para que ela não explodisse em toda a sua pessoa. E então... no momento em que a bola caiu no buraco com um ruído seco e abafado e em que o banqueiro gritava o número..., as duas mãos se separaram de repente uma da outra, como dois animais feridos pela mesma bala.

E caíram ambas, verdadeiramente mortas, não só exaustas, mas com uma expressão tão acusada de abatimento e desilusão, como que fulminadas e tão amedrontadas, que as minhas palavras são impotentes para o descrever. Porque nunca, nunca mais depois daquela noite, vi mãos tão expressivas, em que cada músculo era como que uma boca e de onde a paixão saía quase que tangível por todos os poros.

Durante um instante elas ficaram estendidas ambas sobre o pano verde, como se fossem medusas atiradas à praia, fracas e sem vida. Depois uma delas, a direita, começou pensosamente a levantar a ponta dos dedos, tremou, encolheu-se, girou em volta de si mesma, hesitou, descreveu um círculo e finalmente agarrou nervosamente uma ficha que fez rolar com ar indeciso entre a extremidade do polegar e do indicador, como uma pequenina roda. De repente aquela mão encolheu-se como uma pantera e arredondando ferozmente as costas, arremessou ou antes cuspiu, quase, a ficha de cem francos que ela segurava no meio do quadrado preto. Imediatamente, como a um sinal, a agitação apoderou-se da mão esquerda que tinha ficado inerte: ergueu-se, correu, arrastou-se mesmo por assim dizer em direção à mão fraternal toda trêmula e a quem o seu gesto de lançamento parecia ter fatigado, e ambas ficaram então frementes, uma ao lado da outra. Ambas, semelhantes a dentes que no tremor da febre batem ferozmente uns nos outros, batiam sobre a mesa com as suas articulações sem fazer barulho.

Não, nunca, nunca até então, eu tinha visto mãos com uma expressão tão extraordinariamente loquaz, uma forma tão espasmódica de agitação e tensão. Tudo mais que se passava sob aquele teto: o murmúrio que enchia os salões, os gritos ruidosos dos banqueiros, vir-vem das pessoas e da própria bola, que, lançada de cima, saltava como uma possessa na sua gaiola redonda de chão envernizado, toda aquela multiplicidade de impressões, confundindo-se, sucedendo-se de mistura e obcecando os nervos com violência, tudo aquilo pareceu-me de repente morto e imóvel ao lado das duas mãos frementes, arquejantes, como que enclausuradas, dominadas pela expectativa, trêmulas e arrojadas, ao lado daquelas mãos inauditas que de qualquer modo me fascinavam, absorvendo toda a minha atenção.

Por fim, não pude mais resistir: era preciso que eu visse o homem, que visse o rosto a que pertenciam aquelas mãos mágicas e ansiosamente, (sim, com verdadeira ansiedade, porque aquelas mãos me faziam medo), meu olhar escorregou lentamente ao longo das mangas até aos ombros estreitos. E novamente tive um sobressalto de terror, porque aquele rosto falava a mesma linguagem desenfreada e fantásticamente superexcitada que as mãos. Aquela rosto tinha ao mesmo tempo a mesma expressão de tenacidade feroz e a mesma beleza delicada e quase feminina. Nunca eu tinha visto um rosto como aquele, por assim dizer grudado sobre a criniera e quase separado desta para viver de uma vida própria, para entregar-se à exacerbação a mais completa e tinha ali uma excelente ocasião para examiná-lo de vontade, como se fosse uma máscara, como uma espécie de obra plástica sem olhos; porque aqueles olhos, aqueles olhos loucos não se voltaram nem para a direita nem para a esquerda, sequer por um segundo. As pupilas rígidas e negras eram como bolas de vidro sem vida, sob as pálpebras dilatadas — como o reflexo brilhante daquela outra bola cor de acajú que rolava, pulando loucamente e insolentemente na pequena caixa redonda da roleta.

# A TÉCNICA DA

É estranho que a vida interior do homem tenha sido tão modestamente estudada e tão pouco conhecida. Ainda não nos servimos da física para a alma e da alma para o mundo exterior.

NOVALIS.

Em raros pontos da superfície terrestre, o petróleo jorra das profundidades do subsolo, de um modo súbito e inesperado; noutros, o ouro brilha na areia dos rios; noutros ainda, o carvão jaz à flor da terra. Mas a técnica humana não espera que esses acontecimentos excepcionais nos façam, aqui e ali, a graça de realizar-se. Não conta com o acaso; perfura o solo para ir buscar o precioso líquido, excava galerias nas entranhas da terra, e sujeita-se mesmo a abrir milhares de furos antes de atingir o mineral que busca. Da mesma forma uma ciência física ativa não pode contentar-se com uma ou outra confissão fortuita, e ainda por cima parcial, dessas que fornecem os sonhos e os atos falhados; para aproximar-se da verdadeira camada do inconsciente, também tem que recorrer a uma psicotécnica, a um trabalho em profundidade, e, por um esforço sistemático e sempre orientado para a meta, cuida de penetrar até o âmago da região subterrânea. É a que Freud chegou, tendo dado a seu método o nome de psicanálise.

Em nada se parece com nenhum dos métodos anteriores da medicina ou da psicologia. É completamente novo e autôctono, representa um processo independente de todos os outros, uma psicologia à parte de todas as outras, "subterrânea", se é lícito a expressão, e por isso mesmo apelidada por Freud de psicologia abissal. O médico que quer aplicar a serviço de seus conhecimentos universitários numa medida tão insignificante, que a gente até chega a indagar se o psicanalista precisa mesmo de uma instrução médica especial; com efeito, após haver hesitado durante muito tempo, Freud admite a "análise leiga", isto é, o tratamento por médicos não diplomados. Porque o curador de almas no sentido freudista abandona as pesquisas anatómicas ao fisiológico; seu esforço só tende a tornar visível o que é invisível. Como não procura nada de palpável ou tangível, não necessita de nenhum instrumento; a poltrona em que está instalado representa todo o aparelhamento médico de sua terapêutica. A psicanálise evita qualquer intervenção tanto física como moral. Sua intenção não é "introduzir" no homem uma coisa nova, té ou medicamento, mas extrair dele algo que tem por dentro. Só o conhecimento ativo de si mesmo trás a cura no sentido psicanalítico; só quando o doente volta à sua personalidade, e não a uma banal fé curativa, é que ele se torna senhor e dominador de sua doença. Assim, a operação não se faz de fora, mas realiza-se inteiramente no elemento psíquico do paciente. O mérito só faz intervir neste gênero de tratamento sua experiência, vigilância e direção prudente. Não tem remédios já feitos como o prático: sua ciência não é formada nem codificada: é paulatinamente

distilada da essência vital do enfermo. Quanto a este, só após o tratamento o seu conflito. Mas em vez de trazê-lo para a luz, apresenta-o sob os véus, as máscaras, as deformações mais estranhas e mais enganadoras, de sorte que, no início, a natureza da doença não é reconhecível nem por ele nem pelo médico. O que o nevrosado deixa ver e confessa é um mero sintoma. Mas os sintomas, na vida psíquica, nunca mostram claramente a doença; ao contrário, dissimulam-na; pois, de acordo com a concepção, inteiramente nova, de Freud, as nevroses em si não têm o menor significado, mas todas têm uma causa distinta. O nevrosado não sabe, não quer saber, ou não sabe conscientemente o que o perturba na verdade. Há vários anos, seu conflito interior se manifesta em tantos sintomas e atos forçados, que afinal chega a não saber mais em que é que ele consiste. É então que o psicanalista intervém. Sua tarefa é ajudar o nevrosado a decifrar o enigma de que ele mesmo é a solução. Procura com ele, no espelho dos sintomas, as formas típicas que provocaram o mal; pouco a pouco, ambos controlam retrospectivamente a vida psíquica do doente, até a revelação e o esclarecimento definitivo do conflito interior.

A princípio, essa técnica do tratamento psicanalítico faz pensar mais na criminologia que na medicina. Em todo nevrosado, em todo neurastênico, segundo Freud, a unidade da personalidade foi quebrada, não se sabe quando nem como, e a primeira medida a tomar é informar-se o mais exatamente possível dos "atos da causa"; o lugar, o tempo e a forma desse acontecimento interior esquecido ou recaleado devem ser reconstituídos pela memória psíquica o mais exatamente possível. Mas desde esse primeiro passo, o processo psicanalítico encontra uma dificuldade que a jurisprudência não conhece. Porque, na psicanálise, o paciente, até certo ponto, representa tudo ao mesmo tempo. É aquele em quem se perpetrou o crime, e é igualmente o criminoso. É, por seus sintomas, acusador e testemunha, e simultaneamente é ele quem dissimula e embarga furiosamente os fatos. Nalguma parte, no mais recôndito de si mesmo, sabe o que se passou, e todavia não o sabe; o que diz dos motivos não é a causa; o que sabe, não o quer saber, e o que não sabe, conhece o conteúdo de qualquer jeito. Mas, coisa ainda mais fantástica, esse processo não começou com a consulta do neurótico; na realidade, vem-se realizando há vários anos de modo ininterrupto, no paciente, sem jamais poder terminar. E o que a intervenção psicanalítica deve obter no término de seu trabalho é precisamente o fim desse processo; é portanto, sem ter noção exata disto, para chegar a essa solução, a esse desfecho, que o doente chama o médico.

Mas a psicanálise não procura, por uma fórmula rápida, arranjar imediatamente de seu conflito o nevrosado, o homem que se transviou no labirinto da alma. Ao contrário, cuida de trazê-lo de novo, através do dedalo das divagações de sua vida, ao sítio decisivo em que começou o grave desvio. Para corrigir na tessitura falha a trama

falsa, para reatar o fio, o tecido tem que tornar a colocar a máquina no ponto em que o fio se rompeu. Assim também, para renovar a continuidade da vida interior, o médico do doente deve inevitavelmente voltar ainda e sempre ao sítio em que se deu o rompimento; não adianta a precipitação, a intuição, a visão. Já Schopenhauer, num domínio limitado, formulara a suposição de que se poderia conceber uma cura completa da demência, se se pudesse atingir o ponto em que se produziu o choque decisivo na imaginação; para compreender o emurhecimento da flor, deve o pesquisador descer até as raízes, até o inconsciente. É todo um labirinto subterrâneo, vasto e cheio de desvios, perigos e armadilhas que tem de percorrer. Assim como um cirurgião, no correr de uma operação, se torna tanto mais prudente e circunspecto quanto se aproxima da delicada textura dos nervos, a psicanálise tateia, com uma penosa lentidão, através dessa matéria, supremamente susceptível de magoar-se, de uma camada de vida a outra mais profunda. Não dura o tratamento apenas dias ou semanas, mas sempre meses, e às vezes anos; exige do terapeuta uma concentração de alma que a medicina até então nem sequer suspeitava e que, por sua força e duração, talvez só seja comparável aos exercícios de vontade dos jesuítas. Tudo nessa cura se faz sem anotações, sem o menor auxílio; o único meio para o qual se apela é a observação estendendo-se por um período de tempo bem vasto.

O doente fica num divã, de jeito que não veja o médico sentado detrás dele (isto para eliminar os entraves do pudor e da consciência), e fala. O que conta, porém, não se enuncia, ao contrário do que geralmente se pensa; não é uma confissão. Visto pelo buraco da fechadura, esse tratamento ofereceria o espetáculo mais grotesco, porque durante meses e meses, aparentemente, nada se passa, a não ser esses dois homens, um falando e o outro escutando. O psicanalista recomenda expressamente a seu paciente que, no correr dessa narrativa, renuncie a qualquer reflexão consciente e não intervém no processo em discussão como advogado, juiz ou acusador; não deve portanto querer nada, mas unicamente ouvir, sem raciocínio, ante as ideias que lhe vêm involuntariamente ao espírito (porque essas ideias, precisamente, não lhe vêm do exterior, mas de dentro, do inconsciente). Não tem que procurar o que, na sua opinião, se relaciona com o caso, porque seu desequilíbrio psíquico testemunha justamente que ele não sabe o que é o seu "caso", sua doença. Se o soubesse, seria psiquicamente normal, não criaria para si mesmo sintomas e não teria necessidade de médico. Eis por que a psicanálise repele todos os relatórios preparados ou escritos, e só pede ao paciente que conte, sem preocupação de sequência, tudo o que lhe vem ao espírito como reminiscências psíquicas. O nevrosado deve falar sem circunspecção, dizer francamente tudo o que lhe passa no cérebro, de um facto, sem ordem, mesmo o que não tem valor aparente, porque as ideias mais inesperadas, as mais espontâneas, que não foram procuradas, são as mais importantes para o médico. Este só se pode aproximar do essencial por meio dessas "minúcias secundárias". Falso ou verdadeiro, importante ou insignificante, sincero ou teatral, não importa: a principal tarefa do enfermo é contar muito, fornecer a maior quantidade possí-

Nunca, preciso repetir ainda, tinha eu visto uma fisionomia tão exaltada e tão fascinante.

Aquele rosto pertencia a um rapaz, de vinte e quatro anos presumíveis, bem delgado, delicado, um pouco alongado e por isso tão expressivo. Tanto quanto as mãos, nada tinha de viril, parecendo mais pertencer a uma criança, jogando apaixonadamente.

(De 24 horas da Vida de uma Mulher)



# PSICANÁLISE — Stefan Zweig

vel de material, de substância biográfica e caracterológica.

So então começa a tarefa propriamente dita do analista. Tem que fazer passar pelo crivo psicológico as múltiplas migalhas, acumuladas pouco a pouco, do formidável monte de escombros do edifício vital desfeito em ruínas... esses milhares de recordações, de sonhos, de sonhos, que o paciente lhe entregou; tem que rejeitar as coerentes e extrair do material que lhe resta, por meio de uma lenta fusão, a verdadeira matéria psicanalítica. Nunca deve conceder um valor integral a primeira matéria das lembranças do paciente, deve lembrar-se sempre "que as comunicações e as idéias do enfermo não são senão deformações da que se procura, alusão, por assim dizer, detrás das quais se ocultam coisas que é preciso adivinhar." Pois o que importa para o diagnóstico da doença não são as coisas vividas pelo nevrosado (sua alma já se descarregou delas há muito tempo) mas as que ainda não viveu, esse excesso afetivo não empregado que o oprimiu como um pedaco não digerido no estômago, que como de procura uma saída, mas a todo momento é detido por uma vontade contrária.

Esse elemento inibido e sua inibição, deve o médico procurar determiná-las em toda manifestação psíquica (com igual e sutil atenção), para chegar paulatinamente à suspeita e da suspeita à certeza. Mas essa observação calma, po-

sitiva, feita do exterior, torna-se-lhe a um só tempo mais fácil e mais penosa sobretudo no início da cura, pela atitude afetiva quasi inevitável do doente, que Freud chama "o trans-ferência".

O nevrosado, antes de procurar o analista, arrastou por muito tempo, sem jamais se poder livrar dele, esse excesso de sentimento não vivido e não empregado. Transporta-o em dúzias de sintomas, representa diante de si mesmo, sob os aspectos mais singulares, seu próprio conflito inconsciente; mas desde que encontra, pela primeira vez, na pessoa do psicanalista, um ouvinte atento e um porceiro profissional para essa espécie de jogo, atrai-lhe imediatamente seu fardo como uma bola, tenta descarregar nele seus sentimentos não utilizados. Estabelece entre o médico e ele certas "relações", certas ligações afetivas intensas, odio ou amor, não importa. O que até então se agitava doidamente num mundo ilusório, sem jamais poder mostrar-se claramente, consegue fixar-se como numa chapa fotográfica. Só esse "transferência" crea de facto a situação psicanalítica: o doente que não é capaz dele deve ser considerado como inapto para a cura. Porque o médico, para reconhecer o conflito, deve vê-lo desenrolar-se diante de seus olhos uma forma viva, emocional: o doente e o doutor devem viver em comum.

Essa comunidade no trabalho psicanalítico consiste, para o enfermo, em produzir, ou antes, reproduzir o conflito, e pa-

que contar absolutamente (como a gente logo se sente inclinada a crer) com o auxílio do doente: todo o psiquismo é dominado pela dualidade e duplo sentido dos sentimentos. O mesmo paciente que se dirige à casa do psicanalista para desabar-se de sua doença — da qual se conhece os sintomas, — apegando-se ao mesmo tempo a ela inconscientemente, porque essa doença não representa para ele um corpo estranho, é um produto seu, sua mais íntima obra, uma parte ativa e característica de seu Eu, de ra o médico em explicar-lhe o sentido. Para essa explicação e essa interpretação ele não tem que não se quer desfazer. Faz uma questão extrema de sua doença, porque prefere os seus desagradáveis sintomas à verdade, que teme, e que o médico lhe quer explicar (em suma, contra o seu desejo). Como sente e raciocina duplamente, de uma parte do ponto de vista do inconsciente, de outra parte do ponto de vista do consciente, é ao mesmo tempo o caçador e a fera acuada: só uma parte do paciente auxilia o médico, pois a outra se lhe depára como o mais encarniado adversário: de passo que, com uma das mãos, lhe estende as confissões, aparentemente de bom grado, com a outra, simultaneamente, embriui e oculta os fatos reais. Portanto, conscientemente, o nevrosado em nada pode ajudar aquele que o quer libertar, não lhe pede dizer a verdade, porque é preciso (Continua na página seguinte)

## Efemérides da Academia

### 1.º DE MARÇO

1922 — Faleceu em Stanford, Califórnia, o geólogo e professor John Casper Brunner, correspondente desde 4 de julho de 1913.

1923 — Falecimento, em Petrópolis, de Rui Barbosa, criador da cadeira n.º 10 e presidente da instituição de 1908 a 1919.

1938 — Falecimento de Gabriel d'Annunzio, correspondente desde 23 de junho de 1900.

### 2 DE MARÇO

1814 — Falecimento do padre Antônio de Souza Caldas, patrono da cadeira n.º 34.

### 3 DE MARÇO

1928 — Recepção do sr. Roquette Pinto.

### 6 DE MARÇO

1853 — Nascimento, em Recife, de Silva Ramos, criador da cadeira n.º 37.

1930 — Eleição do sr. Guilherme de Almeida.

### 8 DE MARÇO

1920 — Falecimento, em Mendoza, Argentina, do cor-

respondente Raul Obligado.

1923 — Eleição do sr. Gustavo Barroso.

1931 — Falecimento de Dantas Barreto.

### 9 DE MARÇO

1884 — Falecimento de Bernardo Guimarães, patrono da cadeira n.º 5.

1938 — Falecimento de Ramus Galvão.

### 10 DE MARÇO

1854 — Nascimento de Lúcio de Mendonça, criador da cadeira n.º 11.

### 12 DE MARÇO

1863 — Nascimento, em Pescara, Itália, do correspondente Gabriel d'Annunzio.

### 14 DE MARÇO

1847 — Nascimento de Castro Alves, patrono da cadeira n.º 7.

### 15 DE MARÇO

1830 — Nascimento em Sainte-Foy-la-Grande, França, de Elísée Reclus, que foi correspondente.

# A VIDA É DE CABEÇA BAIXA — Alvaro Moreyra

## NEGRO

Em 1917, sem trabalho, fui ser redator da "Baía Ilustrada" de Anatólio Valadares. Ele tinha uma de aquelas e dirigia o texto:

Faca uma nota bem carinhosa sobre Góis Calmon. Diga que é uma figura impar. O mais voce deve saber.

Eu ignorava, mas fazia. Vi-lha depois um telegrama de Góis Calmon, gratíssimo.

Resposta de Anatólio Valadares:

— Escrevi com o coração. Mas os meus, todos as figuras elogiadas pela "Baía Ilustrada" eram impares. Mais ou menos, vinham depois telegramas de todas, gratíssimas. Mas eu menos a resposta de Anatólio Valadares era.

Escrevi com o coração. Durou dois anos a "Baía Ilustrada". Parece que chegou a ganhar com ela uns duzentos mil reis.

## LIÇÃO

— A vida não é a escola da indulgência. Falaram-me assim quando eu tinha vinte e cinco anos. Preciso de mais vinte e cinco para perceber.

## ALCANTARA CARREIRA

Chico de gestos, declamando sempre, entusiasmado, ultra sentimental. Um português que queria ir ao Brasil. Querida tanto bem, que veio morrer no Brasil. E era tão português, que foi fechar os olhos no consulado do seu país. Minutos antes, conversava de belos planos para aproximar mais a velha pátria da nova. Morreu de repente. Nem memória do outro geito. Alcantara Carreira fazia tudo às pressas.

## A ILHA

Ela devia existir. Não se imagina em vão. Não se desliza em vão. A esperança tem sempre, na terra, na água, no ar, um ponto de apoio. Devia existir na nossa ilha, a ilha do descanço, para viver com as alegrias abolidas nos continentes, para lembrar o tempo que perdeu o espaço e não encontrou a relatividade. A ilha existe! Chama-se Comacina. É no lago de Como, perto daquela Tremezina bem amada de Stendhal. Pequena, com umas ruínas e tudo e réu. Está deserta há muitos séculos. Pertencia a Augusto Giusseppe Caprari, que morreu em 1919 e a legou ao rei Alberto, da Bélgica. O rei Alberto ofereceu-a à Itália e pediu à Itália que fizesse ali um outro mundo para os poetas, os músicos, os pintores. Não foi possível até agora. Será um dia. O que importa é saber que a ilha existe. E a ilha existe.

## UM AMIGO QUE EU PERDI

José Pimenta de Melo Filho foi meu patrão de

1918 a 1931. Aluguel-lhe a minha mocidade. Quando, por causa da revolução da Aliança Liberal, ele me mandou embora, com J. Carlos, disse que era meu amigo. Pobre José! Quando via uma coisa certa, fechava a cara, remungava:

— Não está direito!  
J. Carlos e eu nunca o enganamos. Despediu-nos por isso.

## 1913

Foi o último ano do século 19. Em seguida o século 20 inaugurou as suas alucinações. Em 1913, saíam os desejos românticos: ir à Europa, ver Bruges, morar em Paris... Sendo eu absolutamente do século 19, qualificado de "estúpido" pelo senhor Léon Daudet, — nunca mais voltei desta viagem.

## CERTEZA

Se eu não tivesse sido o que fui, teria sido veterinário...

## DOIS CONTEMPORÂNEOS SEMELHANTES

Felipe d'Oliveira teve uma grande influência sobre a feição inicial de Ronald de Carvalho. Ronald de Carvalho teve uma grande influência sobre a última feição de Felipe d'Oliveira. Assim, de repente, surgiram iguais.

Felipe contou uma manhã na praia:

Os corpos húmidos desenrolam a ronda dos troncos harmoniosos, dos seios em ponto, das espáduas queimadas, das coxas lisas, buscam-se, penetram-se à distância, atropelam-se nas fugas ágeis, sem perceber o rapaz corcunda, de maillott preto, amargo e imóvel, recuado, arqueado em G máiusculo, que pensa, triste, a olhar de longe o atleta de comissão lverde.

— Si o mundo fosse de corcundas, eu de certo teria nascido como ele...

Ronald contou uma noite na praia:

Cheira a mar! cheira a mar! As redes pesadas batem como asas, as redes húmidas palpitam na crepusculação, A praia lisa é uma cintilação de escamas... Palam raízes negras no ouro da areia molhada, o aço das linhas fúscas em mão: de ébano e bronze. Músculos, barbatanas, vozes e estrondos, tudo se mistura.

Cheira a mar! 11. 11. 11. O como da luz nova brinca na crista da onda. E entre as algas moles e os peludos mariscos, onde se arrastam caranguejos de patas denteadas,

e onde dole o olho gelatinoso das lutas flexíveis, diante da rede imensa da noite carregada de estrelas,

na livre melodia das águas e do espaço, entupido de ar, projétil, timpânico, stoura orgulhosamente o papo de um balcão...

Dois contemporâneos semelhantes. Na aparência rápida. Depois se via que um era da vida, o outro dos livros. Felipe, o homem, "Lanterna Verde"; "Pode passar", Ronald, o autor de "Toda a América"; os resultados da passagem. No poema de Felipe, tudo com ele senti. No poema de Ronald, tudo com ele aprendeu. Ronald compunha. Felipe trazia. Semelhantes. Mas que diferentes!

## INDUMENTARIA

Eu hoje vi um fraque. Não me acontecia isso há muito tempo.

A minha geração foi inimiga pessoal do fraque. Essa geração, aliás, sem nenhum intuito subversivo, deu os primeiros golpes na maneira nacional de vestir. Pôs fora a camisa de baixo e tirou a goma da camisa de cima. Colistuiu o colarinho mole. Sintentizou as ceroulas nas cuevas. Abateu as botinas nos sapatos. Fez do colte uma excreção de circunstância. Todas as roupas, desde então, se tornaram simples, existindo apenas para a mudança não ser violenta de mais. Da minha geração veio o impulso que acabará com os chapéus e os fabricantes de ligas e gravatas. Também veio de lá a beleza das praias. Flávio de Carvalho, saldo dela, já possui o projeto da Cidade Homem Nô, — clara influência dos homens que tiveram a coragem de revelar que, na verdade, este país é um país quente.

Imaginem se seria possível agora uma coisa como a que Machado de Assis contou no capítulo III da "Iaiá Garcia":

Estela recusou, mas o bacharel resolveu e lá satisfazer ele próprio o desejo da moça. O pombal não ficava ao alcance da mão; era preciso trepar ao parapeito da varanda, crescer na ponta dos pés e estender o braço. Ainda assim, precisaria contar com a boa vontade dos pombos.

Jorge trepou ao parapeito. Se perdesse o equilíbrio, poderia cair ao chão da chácara; para evitá-lo, Jorge lançou a mão esquerda a um ferro que havia na coluna do canto, e que o amparou; depois esticou o corpo e alcançou com a mão o pombal. Um dos pombos ficou logo seguro; o outro, a princípio arisco, foi colhido depois de algum esforço. Estela recebeu-os; Jorge voltou ao chão.

— A senhora dona Valéria, se visse isso, havia de ralar, disse Estela.  
— Grande façanha! respondeu Jorge suscitando com o lenço as mãos e a aba do fraque.

# A TÉCNICA DA PSICANÁLISE

(Continuação da página anterior)

amente o fato de não sabê-la ou de não querer sabê-la, o que nele produziu esse desequilíbrio e essa perturbação. Mesmo nos momentos em que quer ser sincero, mente, sob cada verdade que anuncia oculta-se uma outra mais profunda, e quando confessava uma coisa, frequentemente é apenas para dissimular, detrás dessa confissão, um segredo ainda mais íntimo. O desejo de confessar e a vergonha de fazê-lo misturam-se e entrecruzam-se aqui misteriosamente; o doente, ao contar, ora se entrega e ora se repete, e sua vontade de confessar é inevitavelmente interrompida pela inibição. Em todo homem existe algo, que se contrai como um músculo, quando um outro quer conhecer o que ele tem de mais recôndito: toda psicanálise, portanto, é na verdade uma luta.

Mas o gênio de Freud sabe sempre fazer do mais encarniçado inimigo o melhor auxiliar. E' essa mesma resistência que, muitas vezes, tral a involuntária confissão. Para o observador de ouvido fino, o homem tral-se duplamente no correr da palestra, primeiramente pelo que diz, e depois pelo que deixa passar em silêncio. E' precisamente quando o paciente quer, mas não pode falar, que a arte detective de Freud se exerce com mais certeza e adivinha a presença do mistério decisivo: a inibição, traço característico, transforma-se em auxiliar e âncora o caminho. Quando o paciente fala demasiado alto ou demasiado baixo, quando hesita ou se apressa, é então que o inconsciente quer falar. E todas essas inúmeras resistências, essas leves hesitações quando nos aproximamos de determinado complexo, mostram enfim nitidamente com a inibição a sua causa e conteúdo. Isto é, numa palavra, o conflito procurado e oculto.

Porque sempre, no correr de uma psicanálise, se cogita de revelações infinitesimais, de minúsculos fragmentos de acontecimentos vividos, mercedos dos quais se compõe pouco a pouco o mosaico da imagem vital interior. Nada mais ingênuo que a ideia corrente adotada nos salões e cafés, de que basta lançar no psicanalista, como num aparelho automático, sonhos e confidências, pô-lo em movimento com algumas perguntas, e tirar imediatamente um diagnóstico.

Na realidade, toda cura psicanalítica é um processo for-

midavelmente complicado, que nada tem de mecânico e tem muito de arte; a rigor, é talvez comparável à restauração, segundo todas as regras, de um quadro antigo sujo e retocado por mãos anônimas — operação que exige uma paciência inaudita, em que é preciso milimetro por milimetro, camada após camada, fazer reviver uma matéria preciosa e delicada, até que a imagem primitiva ressurgir sob as suas cores naturais.

Apesar de se ocupar constantemente com pormenores, o psicanalista só visa, todavia, o todo, a reconstrução da personalidade: eis por que, numa análise verdadeira, a gente nunca se pode deter num complexo isolado; de cada vez, é preciso reconstruir, partindo dos alicerces, toda a vida psíquica do indivíduo.

A primeira qualidade que esse método exige é portanto a paciência, aliada a uma atenção permanente — sem ser ostensivamente aparelhada — do espírito; sem demonstrá-lo, o médico deve repartir a sua atenção imparcialmente e sem preconceitos, entre as palavras e o silêncio do paciente, auscultando, além disso, os matizes da sua narrativa.

Em cada vez, deve confrontar os depoimentos da sessão com os de todas as sessões anteriores, para observar quais os episódios que o interlocutor repete mais frequentemente e em que pontos a narração se contradiz, mas sem trair jamais pela vigilância o fim de sua curiosidade. Porque desde que o doente fareja que o espionam, perde a espontaneidade, — que só ela trás esses breves lampejos fosforescentes do inconsciente, a luz dos quais o médico reconhece os contornos da paisagem dessa alma estranha.

Mas também não deve impor ao doente sua própria interpretação, pois o sentido da psicanálise é precisamente obrigar a auto-compreensão do enfermo a se desenvolver. O caso ideal de cura só se produz quando o paciente reconhece, enfim, por si mesmo, a inutilidade de suas demonstrações nevroticas e já não dispense suas energias afetivas em sonhos e delírios, limitando-se a traduzi-las em atos reais. Só então o analista acabou com a doença.

Mas quantas vezes — espantosa pergunta! — a psicanálise chega a uma acção tão perfeita? Tenho um grande receio de que tal coisa não se dê muitas vezes. Porque sua arte de interrogar e escutar exige um tal ouvido do cora-

ção, uma tal clareza do sentimento, uma ligação tão extraordinária das substâncias espirituais mais preciosas, que só um ser predestinado, um ser tendo verdadeiramente vocação de psicólogo, é capaz de curar neste terreno. A Christian Science e o método de Curoe podem formar simples mecânicos de seu sistema. Basta-lhes ensinar de cor algumas fórmulas para todo serviço: "Não há doença", "Sinto-me melhor; todos os dias", por meio dessas ideias grosseiras, as mãos mais duras martelam sem grande perigo as almas debéis, até que o pesimismo da doença seja totalmente destruído.

Mas na cura psicanalítica, o médico verdadeiramente honesto tem o dever de encontrar, para cada caso individual, um sistema independente, e esse gênero de adaptação criada não se ensina, mesmo com a maior inteligência e aplicação. Exige um conhecedor de almas nato e experimentado, dotado da faculdade de penetrar pelo pensamento e pelo sentimento nos mais estranhos destinos, possuindo além disso muito tato e capaz de maior paciência de observação.

Além disso, um psicanalista verdadeiramente realizador deveria ser uma fonte de onde emanasse um certo elemento mágico, uma corrente de simpatia e segurança, a que toda alma estranha se confiasse voluntariamente, com uma obediência apaixonada. — Qualidades que não se podem aprender e só por graça especial se encontram reunidas no mesmo homem. A mim me parece que a raridade desses verdadeiros mestres da alma é a razão por que a psicanálise será sempre uma vocação ao alcance de alguns e jamais poderá ser considerada um ofício e um negócio — ao contrário do que hoje em dia, infelizmente, muitas vezes acontece.

Mas Freud demonstra, a este respeito, uma curiosa indulgência; quando diz que a prática eficaz de sua arte de interpretação exige, bem entendido, tato e experiência, mas que não é "difícil de aprender", se não permitido pôr à margem de semelhante frase um grande e quase furioso ponto de interrogação. Já a palavra "prática" me parece infeliz referindo-se a um processo que exige a atuação das maiores forças do saber psíquico e mesmo o recurso a uma espécie de inspiração psíquica; mas o fato de dizer que essa "prática" se adquire facilmente parece-me verdadeiramente perigoso. Por-

que o mais consciencioso estudo da psicotécnica faz tão pouco o verdadeiro psicólogo como o conhecimento da verificação faz o poeta; eis por que ninguém, a não ser o psicólogo-nato, o homem dotado do poder de penetrar a alma humana, deveria ser admitido a tocar esse "orgão", que é o mais fino, o mais subtil e mais delicado de todos. A gente estremece ao pensar no perigo que se poderia tornar, em mãos grosseiras, o método inquisitorial da psicanálise, que o cérebro criador de Freud engendrou na mais alta consciência de sua extrema delicadeza. Nada, provavelmente, prejudica tanto a reputação da psicanálise como o fato de não se ter conservado na condição de apanágio de uma elite, de uma aristocracia de almas, e de ter querido ensinar nas escolas o que não se aprende. Porque a passagem precipitada e incondicionada, de mão em mão, de várias ideias suas não as esclareceu precisamente e, muito ao contrário; o que hoje, no Velho e mais ainda no Novo Mundo, se faz passar por psicanálise de amador ou profissional, não passa muitas vezes de uma triste paródia da obra primitiva de Sigmundo Freud baseada na paciência e no gênio.

Aquele que quiser julgar imparcialmente deverá constatar que, por causa dessas análises de amadores, a gente não pode, na hora atual, aquilatar honestamente os resultados da psicanálise; depois da intervenção de dilettantes duvidosos, poderá ela firmar-se jamais com a validade absoluta de um método clínico exato? Não é a nós que cabe decidir este ponto; e sim ao futuro.

A técnica psicanalítica de Freud, só isso é certo, está longe de representar a última palavra no domínio da medicina psíquica. Mas guarda para todo o sempre a glória de nos ter aberto um livro que por muito tempo esteve lacrado, de representar a primeira tentativa metodológica que se fez com a intenção de compreender e curar o indivíduo com as matérias oriundas de sua própria personalidade. Com o seu instinto genial, Freud foi o único a denunciar o "vasio" da medicina moderna, o fato inconcebível de que há muito tempo se haviam descoberto tratamentos para as partes menos importantes do corpo humano — tratamento dos dentes, da pele, dos cabelos, — de passo que só as doenças da alma ainda não tinham encontrado o menor refúgio na ciência. Até a idade adulta, os pedagogos ajudavam o indivíduo incompletamente desenvolvido e depois o abandonavam, com a indiferença, a si mesmo. E esqueciam-se totalmente os que na escola não tinham acabado junto com os outros, não tinham terminado o curso e arrastavam, impotentes, os seus conflitos através da vida.

Para esses nevrosados, esses psicopatas, esses atrasados da alma, aprisionados no mundo de seus instintos, não havia consultórios; a alma enfermaambulava sem apoio pelas ruas, procurando inutilmente uma assistência.

Freud remediou esta lacuna. O lugar em que, nos tempos antigos, reinava poderosamente o curador das almas e o mestre da sabedoria, ele designou-o a uma ciência nova e moderna, cujos limites ainda não se vêem. Mas a tarefa está magnificamente delineada, a porta está aberta. E lá onde o espírito humano fareja o espaço e as profundidades inexploradas, não mais repousa, mas alça o seu exórdio e desdobra as asas incansáveis.

(De "Freud").

## Galeria de nomes ilustres



Alfredo d'Escagnolle Tassan, o administrador romancista de "Inocência", o cronista comento da "Retirada da Laguna". Em 22 de fevereiro passou o 99.º aniversário de seu nascimento.



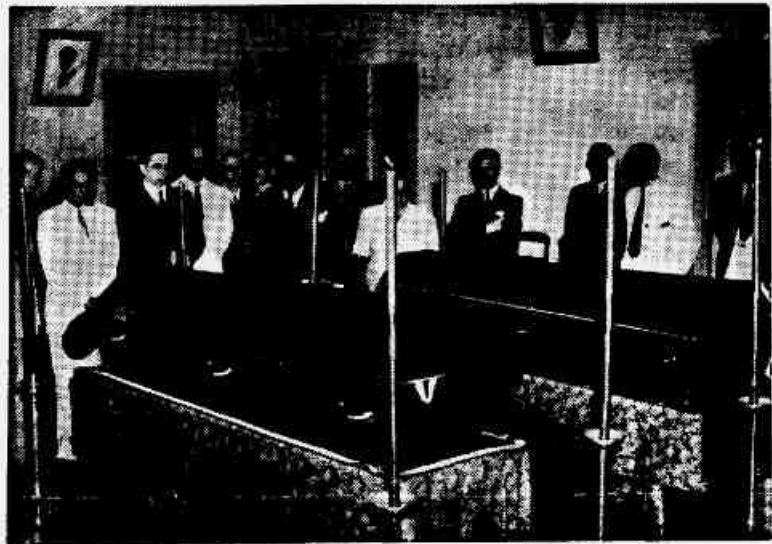
O Visconde Januário da Cunha Borja, e uma das figuras culminantes do drama da Independência brasileira. Nasceu em 1799 e morreu em 22 de fevereiro de 1940.



Juan Antonio Rios, nascido em Canete, Chile, em 1888. E' o mais presidente daquela República, eleito no pleito de 1.º de fevereiro passado.



Vargas Neto, o encantador poeta de "Gado Chacra" e "Tropilha Crioula". Foi eleito presidente da Federação Metropolitana de Futebol, desta capital.



No velório, em Petrópolis. Os caixões em que dormem Stefan Zweig e a esposa, cercados dos amigos